



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**JOSÉ LEONARDO ALEXANDRE LACERDA**

**DO ABSURDO À REVOLTA: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA  
FILOSOFIA DE ALBERT CAMUS**

João Pessoa-PB

2019

**JOSÉ LEONARDO ALEXANDRE LACERDA**

**DO ABSURDO À REVOLTA: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA  
FILOSOFIA DE ALBERT CAMUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de MESTRE em Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. Betto Leite da Silva  
**Linha de pesquisa:** Ética e Filosofia Política

João Pessoa-PB

2019

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

L131a Lacerda, Jose Leonardo Alexandre.

DO ABSURDO À REVOLTA: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DA  
FILOSOFIA DE ALBERT CAMUS / Jose Leonardo Alexandre  
Lacerda. - João Pessoa, 2019.

80 f.

Orientação: Betto Leite da Silva.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Camus. Absurdo. Revolta. Homem. I. Silva, Betto  
Leite da. II. Título.

UFPB/CCHLA

**DO ABSURDO À REVOLTA: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA  
DA FILOSOFIA DE ALBERT CAMUS**

**JOSÉ LEONARDO ALEXANDRE LACERDA**

Dissertação defendida e aprovada em 29/10/2019

Banca Examinadora constituída pelos professores



---

Prof. Dr. Betto Leite da Silva - UFPB - Orientador



---

Prof. Dr. Anderson D'Arc Ferreira (Membro/UFPB)



---

Prof. Dr. Cristiano Bonneau - UFPB - Membro

---

Prof. Dr. Danilo Vaz-Cruado R. M. Costa - Membro.

## Agradecimentos

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse...

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFPB...

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES...

À minha família e amigos pelo apoio...

Aos colegas de turma...

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

O filósofo abstrato e o filósofo religioso partem do mesmo desconcerto e se apoiam na mesma angústia (CAMUS, 2008, p. 60).

## RESUMO

A ideia central desse trabalho tem por objetivo apresentar o caminho percorrido por Albert Camus no que se refere à temática do absurdo de um mundo irracional à revolta como possibilidades de ação através da perspectiva antropológica filosófica nas obras: *O Mito de Sísifo* e *O Homem Revoltado*. Partindo de início da compreensão sobre o absurdo em *O Mito de Sísifo*, onde o absurdo é visto como o despertar de uma vida maquinal que traz a consciência que o homem está sozinho diante de uma vida sem sentido e que é tratado por Camus por um lado, como um conflito entre o desejo de clareza do homem e, por outro lado, um mundo que oferece como resposta a irracionalidade de um ambiente desprovido de significado, caracterizando um divórcio entre o homem e o mundo, dessa forma, o absurdo transformava-se em revolta. Chegando à obra *O Homem Revoltado*, veremos a crítica feita por Camus à revolta do homem no âmbito metafísico e histórico, a revolta não é uma reação mecânica, mas um ato consciente. Diante dessa consciência deixada pela relação da nostalgia humana e a irracionalidade do mundo, veremos como esse homem revoltado age diante desse mundo inconsequente que legitima e autoriza quase tudo.

**Palavras-Chave:** Camus. Absurdo. Revolta. Homem.

## ABSTRACT

The central idea of this work is to present the path taken by Albert Camus regarding the theme from the absurdity of an irrational world to revolt as possibilities for action with a philosophical anthropological perspective in the works: *The Myth of Sisyphus* and *The Rebel Man*. Starting from the beginning of the understanding about the absurd in *The Myth of Sisyphus*, where the absurd is seen as the awakening of a mechanical life that brings the consciousness that the man is alone before a life without meaning and that is treated by Camus on the one hand, as a conflict between the desire for clarity of man and, on the other hand, a world that offers as answer the irrationality of an environment devoid of meaning, characterizing a divorce between man and the world, in this way, the absurd became in revolt. Coming to the book *The Rebel Man*, we will see the criticism made by Camus to the revolt of man in the metaphysical and historical scope; the revolt is not a mechanical reaction, but a conscious act. Faced with this awareness left by the relationship of human nostalgia and the irrationality of the world, we will see how this man of revolt acts before this in consequent world that legitimizes and authorizes almost everything.

**Keywords:** Camus. Absurd. Rebel. Man.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>1 CAPÍTULO I: DO ABSURDO.....</b>	<b>7</b>
1.1 O absurdo e sua relação entre o homem e o mundo.....	7
1.2 O absurdo e o problema do suicídio.....	14
1.3 O suicídio filosófico.....	20
1.4 As ilustrações do homem absurdo: .....	25
1.4.1 O Don Juan.....	27
1.4.2 O Ator.....	29
1.4.3 O Conquistador.....	32
1.5 O absurdo na obra <i>O Estrangeiro</i> .....	34
<b>2 CAPÍTULO II: DA REVOLTA.....</b>	<b>41</b>
2.1 O homem revoltado.....	45
2.2 A revolta metafísica.....	54
2.3 A revolta histórica.....	58
2.4 A revolta na obra <i>A Peste</i> .....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

O homem acreditou na eminência do progresso diante do surgimento de novas tecnologias e da sistematização do pensamento racional. A humanidade abraçou o século XX como o século da esperança. Porém, ao contrário de um mundo melhor, o cenário de guerra mundial transformou a forma de pensar do homem, agora ele passa a viver em um mundo desordenado e sem esperanças na humanidade. A não concretização da realização dos ideais prometido no século XX fez com que o homem se sentisse abandonado, com a percepção que o mundo era absurdo. Privado de suas crenças e de seus ideais, o absurdo da existência e a revolta passam a fazer parte de sua vida ao ponto de levá-lo ao questionamento acerca do valor da vida.

A preocupação com o homem no momento em que ele passa a ter consciência do absurdo do mundo e reconhece que sua existência não tem mais significado é o ponto de partida de Albert Camus. Sua obra está repleta de questionamentos sobre o valor da vida, e de como o homem deve agir diante dessa realidade. Na obra *O Mito de Sísifo*, Camus nos chama atenção sobre o absurdo. O conflito em que o homem vive na busca de significado, ordem e razão no universo, e o que temos como resposta, a saber, o silêncio do mundo. Na busca do sentido da vida, o homem poderá se decepcionar por não encontrar o que queria. Constatando que a vida não tem sentido, poderá usar o suicídio como resposta para essa desilusão. Ou, por outro lado, o suicídio filosófico poderá ser usado como conforto através da transcendência na esperança em algo além deste mundo.

Diante do impasse entre o suicídio e a esperança, Camus nos apresenta uma terceira possibilidade: a revolta como única saída possível. Tema esse que será analisado no segundo capítulo da dissertação baseado na obra: *O Homem Revoltado*. Onde o confronto do homem com o mundo diante da falta de sentido se encaminha para a tomada de consciência da atitude de revolta. Afirmando-se como aquele que tem valores e, ao se afirmar como detentor de seus direitos, nega que seu opressor possua direito de continuar lhe dando ordens. A ação do homem revoltado é se dispor na luta da busca de valor. Por isso, ele não aceita ser tratado como escravo, ou que tenha que obedecer cegamente a um sistema.

É preciso lembrar que Camus não tenta conciliar esse divórcio entre o homem e o mundo. O absurdo nessa relação é o que mantém o homem vivo e consciente. Tentar conciliar seria o mesmo que fugir da condição ao qual o homem está posto. Seja através da esperança ou do suicídio, essas atitudes para Camus seria uma forma de simplificar e criar uma ilusão de que o problema da existência do homem estaria resolvido. “O mundo é a dimensão própria do homem. Toda autenticidade está na relação homem-mundo. A natureza é de fato nosso lugar e nenhuma busca tem sentido se não for, em última análise, na busca do terreno.” (GUIMARÃES, 1971, p. 25).

Embora o sentimento do absurdo não seja conhecido por todos, ou não tenha sido posto de forma filosófica, ninguém está livre de experimentar esse sentimento em algum momento de sua vida. Independente de raça, status social ou outra condição própria do homem, o absurdo é aquilo que não faz sentido em nossas vidas. Segundo Camus (2008, p. 25): “Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer. Tal como é, em sua nudez desoladora, em sua luz sem brilho, esse sentimento é inapreensível.” Esse sentimento ao qual Camus se refere nos faz perguntar pelo sentido das coisas.

Durante a caminhada desse texto, Camus nos apresentará algumas ilustrações de homens que vivem nesse sentimento de absurdo. Eles não serão usados como exemplos a serem seguidos, mas como uma forma de ilustrar o sentimento do absurdo na vida. Personagens como: Don Juan, o ator e o conquistador serão analisados na obra *O Mito de Sísifo*. Já na obra *O Estrangeiro*, a análise será dedicada à vida de Meursault, um homem consciente da falta de sentido da vida e que se comporta de forma indiferente aos padrões morais aceitos por toda sociedade. Meursault será julgado pela morte de um árabe, mas condenado moralmente por não ter chorado a morte de sua mãe. Para ilustra a revolta, será usado a obra *A Peste*. Nessa obra, o absurdo que é tratado inicialmente de forma individual, passa a ser coletivo, provocando a atitude de revolta nos habitantes de uma cidade que foi invadida pelos ratos.

O absurdo e a revolta serão para Camus em um primeiro momento um tema que não poderá ser deixada para depois. “E por esse critério elementar julgo que a noção de absurdo é essencial e pode figurar como a primeira das minhas verdades.” (CAMUS, 2008, p. 45). Do absurdo à revolta é o que Camus coloca nesse momento como sua prioridade.

## CAPÍTULO I

### 1 DO ABSURDO:

#### 1.1 O absurdo e sua relação entre o homem e o mundo

A filosofia de Albert Camus foi marcada por eventos históricos que ocorreram na Europa no início do século XX. Advindo de um século anterior de certezas fundado em crenças e valores absolutos de um cenário otimista baseado no progresso do conhecimento científico e no domínio do homem sobre a natureza. O século XX foi movido pela esperança de realização com a chegada das inovações tecnológicas que proporcionava as facilidades da vida dos indivíduos e que tornaria o mundo um lugar melhor de se viver.

O conhecimento científico e o movimento positivista levaram as pessoas da época a crerem que a ciência acabaria com todos os males e com as desigualdades da humanidade, e que esse progresso deveria depender exclusivamente dos avanços nas áreas científicas, tendo em vista que para o movimento positivista a ciência era a única forma de atestar o conhecimento verdadeiro.

Com isso, não demorou muito para se criar um ambiente de esperança no futuro do século XX. Contudo, a chegada do século XX contrariou todas as expectativas que se tinha nesse século. Diante às duas grandes guerras mundiais e uma forte descrença nos valores idealistas pregados por intelectuais, esses ideais deixaram de existir e passou-se a ter uma desconfiança na ciência.

A racionalidade imanente à História deveria trazer-nos a paz, a justiça social, a dignidade e a liberdade do indivíduo, a promoção dos melhores. Ora, experimentamos a guerra, a violência, o advento de Estado totalitário e das massas inconscientes, o desaparecimento do indivíduo. Esperávamos da ciência um domínio da natureza que, assegurando a confiança em nós próprios e criando melhores condições de vida, havia sobretudo de tornar o homem, que a liberdade das mais duras necessidades, disponível para a vida interior e as mais altas atividades da cultura (RENÉ, s.d, p. 610).

As crenças que eram tidas como absolutas caíram no descrédito, restando agora um sentimento de vazio e de angústia que não satisfazia a humanidade. O indivíduo passa a interrogar-se sobre o sentido da vida e como também sobre a justificativa da sua existência. Diante disso, os resultados satisfatórios esperados por aqueles que defendiam a razão e o

progresso científico, não chegaram a surtir o efeito esperado. Pelo contrário, os homens daquela época passaram a viver em um mundo de incertezas, carentes de valores que pudesse agarrar-se para o seu sustento.

O movimento iluminista formado por intelectuais que defendiam os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, associados às manifestações românticas, foram contrariados com a desvalorização das crenças idealistas anunciadas por esses intelectuais.

A Verdade, a Beleza, a Liberdade, a Natureza, o Espírito puro eram valores absolutos e a luta do homem consistia na realização desses ideais. Pelo final do século XIX acresceram-se a esses valores o culto do Progresso, baseado na Ciência, que levaria inexoravelmente o homem a encontrar em pouco tempo a sua grandiosa e verdadeira realização neste mundo. O início do século XX trouxe consigo uma crescente desvalorização desses conceitos (BARRETO, 1971, p. 10).

Não há como ficar calado diante da constatação desse vazio. Sem a convicção da fé, da razão, da ciência e dos valores morais que foram perdidos, o homem camusiano está posto em um mundo confuso e incoerente. Dessa forma, criou-se um clima de insegurança, e agora toda geração pós-guerra está fadada a repensar seus modos de relações e suas convicções de vida.

As obras e a vida de Albert Camus<sup>1</sup> estão incluídas nesse contexto histórico. Camus e tantos outros escritores são levados a escrever sobre o despencar das crenças do homem diante da constatação de que seu mundo não é mais o mesmo. A ideia romântica que foi criada do mundo e como também do homem, que foram influenciadas pelas expressões artísticas e filosóficas do século XIX, não teve a sustentação esperada com a chegada do século XX. Diante de toda expectativa vivida em um mundo de certezas, a realidade mostra que a prática não correspondeu à teoria que tanto se esperou desse mundo.

Camus e os engajadores mostraram, em contraste, como as grandes e sublimes ideias serviram para a diminuição do homem. A posição moralizante serviu somente para encobrir a imoralidade. Por isso deu-se um basta às proclamações de como o mundo

---

<sup>1</sup> Nasceu em 7 de novembro de 1913 na Argélia quando ainda era colônia Francesa. Filho de agricultor, seu pai foi morto durante a primeira guerra mundial. Camus foi criado por sua mãe que era surda e analfabeta, e um tio enfermo. Camus foi diagnosticado logo cedo com tuberculose. Devido à grande insistência de Germain, professor secundário (a quem dedicou o discurso de recebimento do prêmio Nobel de literatura 1957). As obras de Albert Camus podem ser divididas em três momentos: *o Lirismo* (Núpcias e O avesso e o direito), *o Absurdo* (O mito de Sísifo, O estrangeiro) e a *Revolta* (O homem revoltado e A peste). cursou filosofia e letras tornando-se dramaturgo, ensaísta e jornalista. Morre em 1960 num acidente automobilístico. TODD, Olivier. *Albert Camus: Uma Vida*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 20.

deveria ser e passou-se a aceitá-lo e descrevê-lo como ele realmente se apresenta a cada homem. O mundo é na verdade como o encontramos e não como gostaríamos que fosse (BARRETO, 1971, p. 10).

Os personagens de Albert Camus desapegam-se de valores antigos e buscam novos valores, uma nova realidade de mundo, tendo em vista que, esses personagens passaram a viver diante da incerteza e indeterminação moral, sendo obrigados a afirmar suas posições mesmo que contrariassem uma moral que já estivesse estabelecida. Camus e outros escritores<sup>2</sup> têm consciência que sua vida e suas obras produzidas não podem ser indiferentes aos acontecimentos de sua época.

Os principais conceitos de Camus, tais como: o absurdo<sup>3</sup> e a revolta, são vividos por ele a partir do acúmulo de suas inúmeras experiências. “Ele escreveu sua obra imersa no real e no concreto”.<sup>4</sup> Camus sabe que seu presente não está mais ligado ao romantismo do século XIX, pois, todos carregam em si a vivência do dia a dia. Segundo Barreto, em seu livro, *Camus: vida e obra*, “A obra camusiana pode ser considerada como um pensar prático sobre a existência. Mesmo quando deseja ser lógico escreve sempre animado por uma constante força emocional.” (BARRETO, 1971, p. 47).

Camus reconhece que é difícil descrever a relação do absurdo junto ao homem e o mundo.<sup>5</sup> Por conta disso, ele esboça algumas distinções para tentar esclarecer o que é o sentimento do absurdo e o que é a noção do absurdo. Para Camus, o sentimento do absurdo está no nível de experiência, e que poderia ser, por exemplo, o cansaço de uma vida rotineira na família, um objeto largado em nossa casa sem significado, ou quando estamos em um ambiente que nos proporciona a visão de uma pessoa falando atrás de um vidro gesticulando sem significado algum. Ou quando vemos um cadáver frio e percebemos que é o nosso fim inevitável. Uma experiência de um mundo denso e estranho.

O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo. Aqueles cenários disfarçados pelo hábito voltam a ser o que são. Afastam-se de nós. Assim como há dias em que, sob um rosto familiar, de repente vemos como uma estranha aquela mulher que amamos

---

<sup>2</sup> Os escritores desse período, principalmente Sartre, Malraux e Camus sentiram e construíram suas obras em torno do absurdo. (BARRETO, 1971, p. 43)

<sup>3</sup> A história do emprego da palavra “l’absurde” na literatura francesa coincide com a reação do início do século XX contra a ciência. Nasceu da constatação intelectual de que o cosmos não é racionalmente ordenado. (BARRETO, 1971, p. 43)

<sup>4</sup> Idem, p. 14.

<sup>5</sup> “O conceito de mundo aqui é usado num sentido estritamente cartesiano: tudo o que não é da ordem da consciência faz parte do mundo, mesmo o próprio corpo” (HENGELBROCK, 2006, p. 55).

durante meses ou anos, talvez cheguemos mesmo a desejar aquilo que subitamente nos deixa tão só. Mas ainda não é o momento. Uma coisa apenas: essa densidade e essa estranheza do mundo, isto é o absurdo (CAMUS, 2008, p. 29).

É preciso esclarecer que o absurdo não pode ser confundido com uma experiência irracional. O absurdo é uma afirmação da falta de sentido, é a percepção de que os nossos gestos cotidianos agem de forma mecânica e que ocorre de forma persistente sem que lhe possamos conceder a finalidade. Segundo Jürgen Hengelbrock (2006, p. 47): “Só é irracional o que não concorda consigo mesmo e por isso não tem qualquer sentido. O absurdo é coerente no sentido negativo: é a afirmação da falta de sentido e não do contrassenso.” É pela sensibilidade dos gestos que encontramos a primeira evidência do absurdo.

Camus observa também que podemos encontrar no nível do intelecto a noção do absurdo. Se antes o absurdo se mostrava através da sensibilidade da existência da humanidade, agora é pela razão. A mente agora é conduzida por uma “nostalgia de unidade”, um forte desejo de dar sentido ao universo, para reduzi-lo a um todo unificado e compreensível. “Que essa nostalgia seja um fato, porém, não implica que deva ser imediatamente apaziguada.” (CAMUS, 2008, p. 32).

Camus confronta o sentimento da existência e a inteligência individual. Ele percebe que atrelado a essa existência está à busca natural do homem em conhecer e querer sistematizar o mundo. Ele sabe que esse desejo do homem pelo conhecimento racional não é suficiente para trazer de volta a unidade deste homem ao mundo. “Quero que tudo me seja explicado, ou nada. E a razão é impotente diante desse grito do coração.” (CAMUS, 2008, p. 40). É da relação do homem com o mundo que Camus definirá o absurdo. Do confronto irracional do mundo com a busca racional do desejo de esclarecimento natural do homem. Não há absurdo sem a relação entre o homem e o mundo, o absurdo não é uma realidade física, nem tão pouco uma criação da mente humana. O absurdo parte do que queremos do mundo e o que encontramos no mundo. Queremos significado, ordem e razões, e encontramos um silêncio como resposta desse mundo.

Eu dizia que o mundo é absurdo, mas ia muito depressa. Este mundo não é razoável em si mesmo, eis tudo o que se pode dizer. Porém o mais absurdo é o confronto entre o irracional e o desejo desvairado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo (CAMUS, 2008, p. 35).

Para Camus, o absurdo se encontra nessa relação contraditória entre razão e irracionalidade. Entre o desejo de pertencimento e à impossibilidade de pertencer ao mundo. Essa impossibilidade de explicação causa no homem um desconforto e um estranhamento, tendo em vista que a razão não foi capaz de confortá-lo diante dessa angústia.

Camus não está afirmando que o homem é incapaz de reconhecer e classificar os fenômenos existentes no mundo. Camus não rejeita as ciências nem o progresso, ele está aqui apenas demonstrando as deficiências da filosofia racionalista e como também as respostas que dela surgiram. A filosofia racionalista através de um sistema construído tenta explicar toda experiência vivida pelo homem. O motivo do céu ser azul, o funcionamento do universo, as ordens das coisas, buscando assim, explicar de forma clara o mundo na tentativa de fazer com que o mundo tenha sentido. Uma busca para dar motivos racionais às coisas como elas são e, porque são.

Mas toda a ciência dessa Terra não me dirá nada que me assegure que este mundo me pertence. Vocês o descrevem e me ensinam a classificá-lo. Vocês enumeram suas leis e, na minha sede de saber, aceito que elas são verdadeiras. Vocês desmontam seu mecanismo e minha esperança aumenta. Por fim, vocês me ensinam que este universo prestigioso e multicolor se reduz ao átomo e que o próprio átomo se reduz ao elétron [...]. Assim, a ciência que deveria me ensinar tudo acaba em hipótese, a lucidez sombria culmina em metáfora, a incerteza se resolve em obra de arte (CAMUS, 2008, p. 33).

Camus sabe que diante desse cenário a ciência não tem o que oferecer à consciência absurda, senão apenas metáforas para tentar levar o homem à compreensão do que é o mundo. A ciência apenas descreve o mundo, mas não pode compreendê-lo. “Entendo que posso apreender os fenômenos e enumerá-los por meio da ciência, mas nem por isso posso captar o mundo.” (CAMUS, 2008, p. 34). A ciência é incapaz de reunir elementos diferentes, sejam concretos ou abstratos, a ponto de fundi-los num todo coerente entre o sentimento de absurdo e a realidade irracional do mundo. Apesar de todo esforço, a ciência não preenche a ausência de unidade, apenas nos fornece hipóteses para esconder a realidade da falta de sentido do mundo.

Camus deixa claro sua rejeição pelo pensamento racionalista, muito embora não traga para o debate argumentos filosóficos que sustente essa rejeição. Ele afirma que está apenas

esclarecendo as ideias racionalistas que são conhecidas por todos.<sup>6</sup> Camus se refere aqui aos pensadores que estão ligados a tradição filosófica do continente europeu que são influenciados por Hegel, e como também pela tradição racionalista de Descartes e Leibniz. Uma tradição que tem uma forte exaltação pelo uso da faculdade da razão na sua capacidade de solucionar os problemas ligados ao campo das verdades metafísicas através do uso do exercício da razão pura. Por outro lado, os empiristas Locke e Hume seguem a tradição da filosofia da língua inglesa. Enfatizando o uso das faculdades da razão pura para incentivar o uso da experiência sensata para o conhecimento. “A crítica ao racionalismo foi feita tantas vezes que parece não haver mais o que dizer.” (CAMUS, 2008, p. 36).

Camus não está tentando convencer que o racionalismo é falho, ele parte da ideia de que já estamos convencidos disso. “Estou supondo aqui pensamentos conhecidos e vividos.” (CAMUS, 2008, p. 36). Não se trata de argumentos, mas de exemplos de experiências, onde Camus tenta demonstrar que o pensamento racionalista parece insustentável frente ao sentimento de absurdo diante a relação do homem com o mundo. Segundo Jürgen Hengelbrock (2006, p. 50): “Considerando a argumentação de Camus, chega-se à seguinte conclusão: a verdade não é uma unidade fechada. Quando o espírito tenta concebê-la como tal, contradiz-se.” Camus cita Aristóteles para mostrar o problema que é gerado quando se tenta afirmar no campo da lógica uma “verdade” unificada.

Ninguém demonstrou mais clara e elegantemente isto do que Aristóteles há séculos: “A consequência, muitas vezes ridicularizada, destas opiniões é que elas se destoem a si mesmas. Pois afirmando que tudo é verdade, afirmamos a verdade da afirmação oposta e em consequência a falsidade da nossa própria tese. E se dizemos que tudo é falso, esta afirmação também se revela falsa [...]. Esse círculo vicioso é apenas o primeiro de uma série em que o espírito que se debruça sobre si mesmo perde-se num rodopio vertiginoso. [...], compreender é antes de mais nada unificar” (CAMUS, 2008, p. 31).

Por fim, Camus aponta para o homem e diz que ele se encontra “diante do irracional.” A relação do homem e o mundo, razão e irracionalidade, desejo de unidade e a recusa de pertencimento é a constatação do nascimento do absurdo. Camus então apresenta os três personagens desse drama: “O irracional, a nostalgia humana e o absurdo que surge de seu

---

<sup>6</sup> Seria presunçoso querer tratar de suas filosofias, mas é possível, e suficiente, em todo caso, expor o ambiente que lhes é comum. (CAMUS, 2008, p. 37).

encontro, eis os três personagens do drama que deve necessariamente acabar com toda a lógica de que uma existência é capaz.” (CAMUS, 2008, p. 41).

Camus sabe que é impossível que haja harmonia nessa relação, e nem deseja que haja, pelo contrário, é preciso manter essa tensão. Não será fácil seguir em frente quando se reconhece o absurdo da vida. Segundo Camus (2008, p. 36): “A partir do momento em que é reconhecido, o absurdo é uma paixão, a mais dilacerante de todas.” Agora, a inquietação que nos chega é saber até onde levaremos essa certeza. Será que se consegue viver apesar da constatação de que a relação com o mundo é absurda? Vale a pena viver? Essas são inquietações que buscaremos tratar no decorrer do próximo tema, onde a filosofia camusiana busca através do pensar da antropologia filosófica se voltar para questões que estão relacionadas ao homem.

## 1.2 O absurdo e o problema do suicídio

Se antes o absurdo era tomado como conclusão por Camus, agora ele passa a ser um ponto de partida. Nesse ponto de partida, Camus analisará com todo cuidado esse sentimento que pode trazer como resposta ao homem a constatação de que a vida não vale a pena, e como consequência, cometer suicídio como resposta ao absurdo. Camus levará em conta o absurdo da existência nesse tema para tratar o absurdo e o problema do suicídio. É na obra *O Mito de Sísifo* publicada em 1942, que Camus discutirá a posição que o homem terá que tomar diante das situações existenciais em decorrência das vivências atrelada as suas inquietações diante da convicção de que o mundo não lhe pertence e está desprovido de significado.

O homem analisado por Camus nesse tema é aquele considerado normal em uma sociedade. Um homem fiel à sua condição humana, que anseia por realizações dos seus desejos, prazeres, busca viver em harmonia com o seu próximo e que também está sempre em busca da felicidade. Mas esse homem sabe que devido a sua condição humana não poderá afastar da sua vida o sentimento de frustração decorrente do absurdo da vida. Segundo Barreto, (1971, p. 46): “Quando o homem aceita o absurdo de tudo aquilo que o cerca, deve viver esta situação conscientemente [...]. Existem duas possíveis soluções para o dilema – o suicídio ou a fé”. A consciência do absurdo exige um posicionamento do homem frente a esse dilema.

Diante do problema existencial que o homem se encontra, Camus tem certeza que não há outro tema tão sério que a filosofia deva importar-se: O suicídio, segundo Camus, é a questão mais urgente de todas. “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia.” (CAMUS, 2008, p. 17). Se analisarmos as consequências da importância de uma questão filosófica, veremos que o problema que decorre do sentido da vida é sem dúvida a questão mais importante a ser tratada.

Camus está preocupado com as ações pela qual essa questão está comprometida, ele sabe que o homem a partir do momento que julgar não haver valor na sua existência, poderá a qualquer momento cometer suicídio. “O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois.” (CAMUS, 2008, p. 17). O que importa agora para Camus é a questão que aponta para o tema central, ele não está interessado em questões marginais. Para Camus, não há maior questão a ser respondida na filosofia. “Se eu me pergunto por que julgo

que tal questão é mais premente que tal outra, respondo que é pelas ações a que ela se compromete.” (CAMUS, 2008, p. 18).

Pela importância que é a vida, Camus dirá que não vale a pena correr o risco de perdê-la por questões científicas ou ontológicas.<sup>7</sup> Camus lembra o episódio de Galileu que preferiu abrir mão de sua afirmação com relação à posição científica que defendia no que se refere ao sol ser o centro do universo. E que por ordens da Igreja, Galileu teve que escolher entre a sua verdade científica e sua a vida, diante das opções, escolheu viver. Para Camus, Galileu agiu corretamente. “Em certo sentido, fez bem. Essa verdade não valeria o risco da fogueira. É profundamente indiferente saber qual dos dois, a Terra ou o Sol, gira em torno do outro. Em suma, é uma futilidade.” (CAMUS, 2008, p. 18).

O suicídio foi tratado por muitos como fenômeno social. Camus, porém, vê com outros olhos, a sua preocupação é voltada para o suicídio de forma existencial.<sup>8</sup> Antes da preparação da morte do físico, há uma preparação silenciosa no interior do coração do homem. “O verme se encontra no coração do homem. Lá é que se deve procurá-lo. Esse jogo mortal que vai da lucidez diante da existência à evasão para fora da luz deve ser acompanhado e compreendido.” (CAMUS, 2008, p. 19).

Camus sabe que há vários motivos que poderia levar uma pessoa a cometer suicídio. “Os jornais falam com frequência de ‘aflições íntimas’ ou de ‘doenças incuráveis’. Estas explicações são válidas. Mas teríamos que saber se no mesmo dia um amigo do desesperado não o tratou de modo indiferente.” (CAMUS, 2008, p. 19). Percebe-se aqui que existe uma dificuldade em avaliar e compreender o percurso dessa aposta em tirar a sua própria vida.

---

<sup>7</sup> Camus alude aqui à prova de Deus de “Anselmo de Canterbury” (1033 - 1109), que fez história, de Descartes até Kant. (HENGELBROCK, 2006, p. 41).

<sup>8</sup> Entretanto, devemos ter presente que o conceito de Existência na reflexão camusiana não é unívoco ou, antes, não se resume ao conjunto de caracteres que compõem o conceito tal como é entendido classicamente. A partir da abordagem da Existência como atualidade em oposição à possibilidade, reencontramos a ênfase na positividade existencial como presença concreta do existente - bem como do existente enquanto aquele que empreende a investigação filosófica -, entendido como alguém para quem o problema da absurdidade existencial diz respeito urgentemente. Como consequência, emerge a oposição entre o pensamento dito “existencial” e a reflexão puramente “abstrata”, traço, aliás, comum a toda filosofia da existência. As considerações estritamente abstratas caem fora do âmbito no qual o autor se move. (SILVA, 2009. pp. 18-19)

Camus tenta mostrar que a humanidade sempre esteve em busca de sentido, razões e significado para a vida e as suas ações. Porém, ao perceber que na maior parte do tempo agimos de forma maquinal, guiados muitas vezes pelos hábitos sem muita reflexão, esse sentimento nos leva a reconhecer que fomos superados pela vida, ou que não fomos espertos o suficiente para entender todo o processo de vivência em que estamos inseridos. Camus compara o ato de suicídio à confissão. Confessar que a vida não tem mais valor e que não existe razão para continuar a viver são indícios da sensação do absurdo na vida. Segundo Barreto (1971, p. 48), “o suicida testemunha com o seu sacrifício físico que a vida não vale a pena ser vivida. Em termos mentais o suicida conclui que não existem mais ilusões e razões para continuar a viver.” O sentimento de absurdo causa no homem uma desilusão.

Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínio errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro. É um exílio sem solução, porque está privado das lembranças de uma pátria perdida ou da esperança de uma terra prometida (CAMUS, 2008, p. 20).

O homem desiludido sente-se um estranho no seu mundo, ele encontra-se em um estado que não pertence mais a sua própria casa. O absurdo causará um sentimento de exílio ao homem que outrora acreditava fazer parte do mundo. Essa expulsão de um mundo até então familiar provocará uma tomada de decisão radical no que se refere a sua caminhada a partir de agora. A premissa de que a vida não tem significado, implica uma conclusão lógica de que o absurdo conduz necessariamente a uma vida que não valer a pena ser vivida a ponto de levar à morte? O suicídio seria a solução para o absurdo?

Exposto em termos claros, este problema pode parecer ao mesmo tempo, simples e insolúvel. Mas supõe-se erroneamente que perguntas simples levam a respostas não menos simples e que a evidência implica a evidência. *A priori*, e invertendo os termos do problema, parece que ou você se mata ou não se mata, só há duas soluções filosóficas, a do sim e a do não. Seria fácil demais. Mas temos que pensar naqueles que não param de interrogar, sem chegara nenhuma conclusão (CAMUS, 2008, p. 20).

Seria fácil demais diz Camus, se a resposta a esse questionamento tão profundo fosse um sim, ou um não. Nem sempre o homem foi fiel as suas convicções, muitos dos que respondem sim ao absurdo da vida agem como não, como há aqueles que responderam que não há sentido na vida e agem como um sim a ela. Não são poucos os que continuam a sua vida apesar da constatação do absurdo sem alcançar uma resposta satisfatória e definitiva para dar a

essa questão tão crucial. A verdade é que muitos que disseram que não valia a pena viver continuaram vivendo, e contrariando a ideia de vida, outros que julgavam que a vida tinha sentido, mataram-se.

Camus percebe que em muitos casos onde julgávamos não ter sentido à vida, somos impedidos de tirar a nossa própria vida por nossos instintos. Diante da constatação do absurdo e da falta de razão para viver, o instinto de vida se mostra superior às razões de morte. “Cultivamos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar. Nessa corrida que todo dia nos precipita um pouco mais em direção à morte, o corpo mantém uma dianteira irrecuperável.” (CAMUS, 2008, p. 21). O hábito de viver provoca no homem o esquivar-se da morte.

A tentativa de esquivar-se da morte mostra quase sempre que o homem no decorrer da sua história precisou apostar em algo para tentar superar a sua desilusão com o mundo, vemos aqui que essa aposta foi na esperança. Segundo Camus (2008, p. 22): “Esperança de uma outra vida que é preciso ‘merecer’, ou truque daqueles que vivem não pela vida em si, mas por alguma grande ideia que a ultrapassa, sublima, lhe dá um sentido e a trai.” Há aqueles que depositam esperança de realização e significado em outra vida acreditando com isso dar sentido a essa vida, e aqueles que ainda nessa vida apostam em afastar o absurdo com crenças terrenas.

Camus afirma que a negação do sentido da vida não leva necessariamente o homem a afirmar que a vida não vale a pena ser vivida. É preciso enfrentar todas as consequências que decorrem do absurdo.

As pessoas se matam porque a vida não vale a pena ser vivida, eis uma verdade incontestável – infecunda, entretanto, porque é um truísmo. Mas será esse insulto à existência, esse questionamento em que mergulhamos, provém do fato de ela não ter sentido? (CAMUS, 2008, p. 22).

Camus tem interesse em saber até que ponto é possível viver com esse sentimento sem apelar para uma saída através da esperança ou do ato de suicídio. A pergunta de Camus nesse momento está voltada para saber se é preciso acreditar que a vida tenha algum significado para continuar a viver. É a esse problema que o autor se volta, essa é a questão que a filosofia camusiana tem como objetivo nesse momento. “A reflexão sobre o suicídio me dá então a oportunidade de enunciar o único problema que me interessa: há uma lógica que chegue até a morte?” (CAMUS, 2008, p. 23). Camus elege o raciocínio absurdo como seu método para essa

investigação. Afinal, é possível viver mesmo diante da constatação do absurdo sem precisar recorrer à esperança ou ao suicídio?

A questão levantada que Camus se refere sobre como manter a caminhada sem negar o absurdo é uma forma de nos manter consciente de toda linha percorrida até aqui. Pois, a tentativa de fazer a conciliação entre o homem e o mundo seria uma tentativa de livrar-se do absurdo. Para Camus, o absurdo não pode ser afastado, ele deve ser confrontado. Esse confronto com o absurdo deve ser feito sem qualquer esperança divina.

Manter-se nessa caminhada não é fácil, mas Camus não deseja superar o absurdo, a questão que Camus levanta é saber se é possível viver apesar do absurdo. “Viver sob este céu sufocante nos obriga a sair ou ficar: A questão é saber como se sai, no primeiro caso, e por que se fica, no segundo. Defino assim o problema do suicídio e o interesse que se pode atribuir às conclusões da filosofia existencial.” (CAMUS, 2008, p. 43).

O suicídio físico como resposta ao questionamento do sentido da vida não é o único caminho analisado por Camus. Durante a análise desse tema, Camus se depara com algumas ideias de filósofos existencialistas que não leva em conta a linha de raciocínio vista até aqui, pois, ao perceberem o confronto da racionalidade do homem e o silêncio do mundo, no lugar de atestar que essa relação é absurda e, com isso enfrentar suas consequências, sugere uma via de esperança que anula o absurdo diante da possibilidade de encontrar sentido na transcendência.

Tomo a liberdade de chamar de suicídio filosófico a atitude existencial. Mas isso não implica um julgamento. É uma maneira cômoda de designar o movimento pelo qual um pensamento nega a si mesmo e tende a superar-se no que diz respeito à sua negação. A negação é o Deus dos existencialistas. Esse deus, exatamente, só se sustenta pela negação da razão humana. Mas, como os suicídios, os deuses mudam de acordo com os homens. Há várias maneiras de saltar, mas o essencial é saltar. Essas negações redentoras, essas contradições finais que negam o obstáculo que ainda não superado, tanto podem nascer (é o paradoxo deste raciocínio) de uma inspiração religiosa quanto da ordem racional. Elas sempre aspiram ao eterno, e só nisso dão o salto (CAMUS, 2008, pp. 54-55).

Camus observa que os filósofos<sup>9</sup> existencialistas ao perceberem os problemas não deram continuidade ao raciocínio absurdo, pelo contrário, buscaram outra forma de resolver a questão

---

<sup>9</sup> Jaspers, Chestov, Kierkegaard e Husserl. “Pode-se pensar que subestimo aqui o problema essencial que é o da fé. Mas não estou examinando a filosofia de Kierkegaard, ou de Chestov, ou, indo mais longe, de Husserl (seria

do absurdo sem ter que se comprometer com um confronto direto. Segundo Barreto (1971, p. 50): “A filosofia existencialista represente em última análise uma fuga ao problema do absurdo.” Camus até entende que seja normal o esforço feito nessa tentativa de fuga, mas também sabe que uma vez consciente do absurdo, o homem não terá mais volta, vai estar sempre ligado à sua condição absurda. Para Camus (2008, p. 46): “Um homem consciente do absurdo estar ligado a ele para sempre. Um homem consciente de sê-lo não pertence mais ao futuro.” É preciso manter essa tensão do absurdo.

---

preciso outro lugar e outra atitude de espírito). Tomo um de seus temas emprestado e examino se suas consequências se ajustam às regras já fixadas. Trata-se de teimosia” (CAMUS, 2008, p. 51).

### 1.3 O Suicídio Filosófico

Camus sabe que é necessário manter a relação do absurdo do homem com o mundo e que para isso, o suicídio físico foi rejeitado por não ser uma resposta coerente para o problema, mas sim uma fuga. Por outro lado, o suicídio filosófico surgiu como outra solução para o homem que está diante do absurdo com esperança de continuar vivendo. O problema é que contrário ao suicídio físico, pensadores como Jaspers, Chestov, Kierkegaard e Husserl<sup>10</sup> na tentativa de solucionar esse problema, erram cometendo um salto na divindade ou em essências extratemporais.

Nada mais instrutivo quanto a isto do que examinar agora como os homens que reconheceram o ambiente absurdo, a partir de uma crítica ao racionalismo, impulsionaram suas consequências. Para me ater às filosofias existenciais, vejo que todas me propõem, sem exceção, a evasão (CAMUS, 2008, p. 46).

O primeiro a ser analisado é Jaspers, que assim como Camus, tem seu ponto de partida na constatação de que esse mundo é absurdo e da sua limitação na explicação dos termos que está relacionado ao homem e ao mundo. Para Jaspers, tanto a experiência, quanto a razão, não foram suficientes para impor-se com tal evidência a ponto de excluir qualquer discussão relacionada ao sentido das coisas. E que na tentativa de conhecer o todo em sua volta, o homem certamente falharia diante do limite do saber humano. Ou seja, concorda com Camus que em situações-limite, a experiência da nossa existência é impotente diante do fato da morte, e que razão humana é limitada. Porém, no momento que Jaspers deveria assim como Camus, constatar o absurdo da vida e suas consequências, Jaspers agarra-se ao ser da transcendência.<sup>11</sup> Fazendo com que o absurdo se transforme em Deus.<sup>12</sup> Camus citando Jaspers diz:

O fracasso mostra, para além de qualquer explicação e de qualquer interpretação possível, não o nada, mas o ser da transcendência. Este ser que subitamente, por um

---

<sup>10</sup>“Sobre eles, também deve-se dizer que o que me importa são as conclusões [...] Seria presunçoso querer tratar de suas filosofias” (CAMUS, 2008.p. 37).

<sup>11</sup>A transcendência, para Jaspers, é um conceito que não pode ser conhecido, esclarecido nem experimentado pela razão, mas somente acreditado, sendo atingida pela fé filosófica.

<sup>12</sup>A palavra “Deus” destina-se a designar algo que nós, pura e simplesmente, não chegamos a compreender. O israelita do Antigo Testamento procurou, sem êxito, esclarecer o sentido dessa palavra; mas jamais duvidou de que Deus exista. (JASPERS, 1965, p. 114).

ato cego da confiança humana, explica tudo, ele o define como a unidade inconcebível do geral e do particular (CAMUS, 2008, p. 47).

Para Camus, a afirmação Jaspers é tida como um salto na transcendência, sem um rumo que leve a alguma lógica. Tornando a experiência do transcendente algo impossível de ser realizado. Segundo Camus (2018, p. 38), “neste mundo devastado onde foi demonstrada a impossibilidade de conhecer, onde o nada parece ser a única realidade e o desespero sem remédio, a única atitude, ele (Jaspers) tenta encontrar o fio de Ariadne que conduz aos segredos divinos.” Jaspers vai da consciência da angústia e da ruína da existência até a tentativa de conferir sentido à vida absurda em Deus.

Para Camus, o filósofo Chestov também comete um erro grave ao analisar o tema do absurdo na medida em que atribui a esse sentimento característico de eterno e de ser imutável. Chestov fará com que Deus torne-se necessário na medida de que o desejo do homem aumente por sentido e causa lógica. A necessidade do impossível inerente ao homem que levaria ao absurdo, em Chestov é levada a Deus. Segundo Camus (2008, p. 48): “Chestov descobre o absurdo fundamental de toda existência, ele não diz: ‘Eis o absurdo’, mas sim: ‘Eis Deus’: devemos remeter-nos a ele, mesmo que não corresponda a nenhuma das nossas categorias racionais”. Mesmo atribuindo a responsabilidade do mal a Deus, e tendo-o como um ser odioso, Chestov deposita uma esperança para além desse mundo. “Assim, para Chestov a aceitação do absurdo é contemporânea ao próprio absurdo. Constatá-lo é aceitá-lo, e todo o esforço lógico de seu pensamento é para mostrá-lo e ao mesmo tempo fazer surgir a esperança imensa que ele aplica.” (CAMUS, 2008, p. 48).

O absurdo é contrário à esperança, é no universo do homem que mora o absurdo. Camus não admiti que diante desse cenário Chestov abra mão da razão dizendo que ela é falha, e com isso, admita que exista algo além da razão. Diferente de Chestov, o homem absurdo de Camus não abre mão da razão, muito embora saiba que existe o irracional. A diferença está no equilíbrio, ao presenciar o irracional, o homem absurdo consciente da sua condição não se ilude com esperança no transcendente. “Se há absurdo, é no universo do homem. Desde o momento em que sua noção se transforma em trampolim de eternidade, não está mais relacionada com a lucidez humana.” (CAMUS, 2008, p. 49).

Ao integrar a relação do homem ao absurdo, Chestov faz com que um ponto essencial da relação do absurdo que é o divórcio seja perdido. A condição que afastava o homem do mundo. Segundo Camus (2008, p. 50): Chestov “Joga todo o peso sobre um dos termos e destrói o equilíbrio”. Chestov coloca Deus acima de tudo, pois, se existe algo além da razão deve-se acreditar que é o Absurdo. Logo, é preciso acreditar que esse absurdo é Deus. Dessa forma, o homem estaria ligado ao mundo novamente, e conseqüentemente ao absurdo.

O suicídio filosófico em Kierkegaard<sup>13</sup> passa a ser tratado no campo da religião, mais precisamente com a noção de que a condição do homem de desespero diante do absurdo é um pecado. Para Kierkegaard, citado por Camus, “o desespero não é um fato, mas um estado: o próprio estado do pecado. Pois, o pecado é o que afasta de Deus.” (CAMUS, 2008, p. 53). Camus entende diferente, e diz que o absurdo é um pecado, mas nesse caso, sem a necessidade de Deus. Camus entende que o absurdo na vida de um homem que está consciente de sua situação não conduz a Deus. Vale ressaltar que Camus não afirma que Deus não exista, não é essa a questão, mas que a lógica do absurdo não conduz o desesperado a negar a razão e encontrar Deus.

O salto de Kierkegaard se volta para o cristianismo. “Assim, aquilo mesmo que lhe provocava desespero quanto ao sentido e à profundidade desta vida lhe dá agora sua verdade e sua clareza.” (CAMUS, 2008, p. 51). Kierkegaard assim como Camus, encontrou o absurdo na relação do homem com o mundo, porém, quando deveria constatar essa condição, ele dá um “salto”. Kierkegaard renúncia à condição de absurdo do homem em troca de outra vida. Camus cita o paradoxo de Kierkegaard:

Se o homem não tivesse uma consciência eterna, se, no fundo de todas as coisas, só tivesse um poder selvagem e fervente, produzindo todas as coisas, o grande e o fútil, no turbilhão de paixões obscuras, se o vazio sem fundo que nada pode preencher se ocultasse sob as coisas, o que seria então a vida, senão o desespero? (CAMUS, 2008, p. 52).

Camus denúncia à posição de Kierkegaard quando percebe que o filósofo dinamarquês está, na verdade, se esforçando na tentativa da cura do mal, e que com isso, só demonstra que

---

<sup>13</sup> É o próprio Kierkegaard quem nos revela o caminho seguido. Não quero sugerir nada aqui, mas como não ler em suas obras os sinais de uma mutilação quase voluntária da alma diante da mutilação consentida do absurdo? (CAMUS, 2008, p. 52).

encontrou os limites e as contradições inerentes à condição humana, a ponto de apostar na morte e na esperança em outra vida. Kierkegaard, citado por Camus (2008, p. 53) diz que “para o cristão, a morte é de modo algum o fim de tudo, ela implica infinitamente mais esperança que a vida comporta para nós, mesmo transbordando de saúde e força”. Camus não está interessado na cura do mal, mas na continuidade da vida apesar do mal. Kierkegaard na tentativa de achar a verdade que o homem tanto busca, acaba encontrando o que ele mesmo desejaria encontrar, o conforto da esperança. Atribuir à outra vida ou a morte uma condição que traga esperança maior que essa vida seria sacrificar a razão, em outras palavras, um suicídio filosófico.

Se na análise do pensamento dos filósofos Jaspers, Chestov e Kierkegaard, segundo Camus, a razão foi oprimida pelas inúmeras tentativas de conciliação do homem com o mundo, abrindo mão da sua inteligência racional na busca de respostas da sua condição na transcendência. Agora, diferentemente, a análise parte da exaltação da razão no pensamento do fenomenólogo Husserl, que tem o absurdo também como ponto de partida. A metodologia empregada por Edmund Husserl na análise do absurdo não é muito diferente do método de Camus. Assim como Camus, Husserl não tenta fundamentar suas ideias na metafísica, já que seu método fenomenológico não tem por pretensão a explicação do mundo, mas a descrição.

Em outras palavras, a fenomenologia se nega a explicar o mundo, quer simplesmente ser uma descrição do vivido. Coincide com o pensamento absurdo na sua afirmação inicial de que não existe verdade, só existem verdades. Do vento da noite até esta mão em meu ombro, cada coisa tem sua verdade (CAMUS, 2008, p. 56).

A princípio, Husserl seguia a linha do raciocínio absurdo com sua descrição da relação do homem com o mundo sem fugir para uma explicação além da experiência. Segundo Camus (2008, p. 56): “À primeira vista, parece então que nada contradiz o espírito absurdo”. O absurdo e a fenomenologia buscam descrever o vivido, até aqui não há problemas. Porém, chega um momento em que Husserl passa a afirmar a existência de “essências extratemporais”, assim, ele afasta a descrição de seu objeto. No lugar de tentar buscar a compreensão do que é real, age da mesma forma que outros agiram nessa caminhada. Husserl dá um salto no abstrato.

A distância entre o deus abstrato de Husserl e o deus fulgurante de Kierkegaard não é tão grande. A razão e o irracional levam à mesma predicação. Na verdade, o caminho importa pouco, a vontade de chegar basta para tudo. O filósofo abstrato e o filósofo religioso partem do mesmo desconcerto e se apoiam na mesma angústia (CAMUS, 2008, p. 60).

Dessa forma, Jaspers, Chestov, Kierkegaard e Husserl acabam cometendo as mesmas falhas, na busca desenfreada de encontrar solução para a relação do homem com o mundo nesse dilema absurdo, findam cometendo o que Camus tanto rejeita que é o suicídio filosófico.

## 1.4 As ilustrações do homem absurdo

Na segunda parte do livro *O Mito de Sísifo*, Camus continua sua descrição sobre o absurdo, mas agora de forma mais prática. Nesse momento, busca definir as ilustrações do homem absurdo e seu campo de atuação através de exemplos de personagens. Mas “o que é, de fato, o homem absurdo? Aquele que, sem negá-lo, nada faz pelo eterno.” (CAMUS, 2008, p. 79). Camus sabe que seus personagens têm em comum a coragem de abraçaram o absurdo da vida sem que para isso seja necessário recorrer à esperança desse mundo ou além dessa vida. Sabe que sua liberdade tem um limite de tempo, sua consciência não irá durar para sempre, ele também não deseja isso. “Esse é seu campo, lá está sua ação, que ele subtrai a todo juízo exceto o próprio.” (CAMUS, 2008, p. 79).

Os personagens que Camus analisa no livro são apenas ilustrações: o sedutor (Don Juan), o ator e o conquistador. Não devem ser encarrados como modelos a serem seguidos, a ideia do autor é apenas esclarecer seu posicionamento sobre o tema em análise através de um olhar onde os personagens agem na busca de quantidade e não qualidade. Suas ações são tidas como estranhas à moral, não que suas ações sejam imorais, mas age indiferente a moral tradicional. O homem absurdo de Camus não precisa de ação de justificação, ou um código moral, por ser livre da moral, ele mesmo se guia sem nenhuma culpa ou rancor.

A honestidade do homem absurdo não está na obediência às regras convencionais, mas sim no respeito às normas que ele próprio dita. Todas as morais são baseadas na ideia de que um ato tem obrigatoriamente consequências. O homem absurdo aceita com serenidade essas consequências e está pronto a pagar por elas (BARRETO, 1971, p. 56).

Para Camus, o homem absurdo não passa de um “inocente,”<sup>14</sup> suas ações e como também suas tomadas de decisões não interferem ou causam consequências em outra vida, ele vive indiferente a Deus. Essa indiferença, o exime de culpa e de condenação. Ao longo da sua jornada o homem absurdo se mostra um pecador sem Deus. Porém, a ausência de uma instância julgadora, não implica necessariamente uma vida confortável como se imagina. “Não se trata

---

<sup>14</sup> “O pecado não consiste tanto em saber (quanto a isso, todo mundo é inocente), mas em desejar saber.” (CAMUS, 2008, p. 61). “Camus opõe a consciência absurda a esta doutrina bíblico-cristã do pecado. Se o querer-saber é um pecado, então o homem absurdo aceita-o conscientemente. Nesse sentido, confessa-se culpado. Por outro lado, este querer-saber é um direito que cabe ao homem absurdo. Ninguém lhe pode proibir. [...]. Considera-se inocente.” (HENGELBROCK, 2006, p. 68).

de um grito de libertação e de alegria, mas de uma constatação amarga. A certeza de um Deus que daria seu sentido à vida ultrapassa em muito a atração do poder de fazer o mal impunemente” (CAMUS, 2008, p. 80). O grito de “Tudo é permitido” do personagem Ivan Karamazov não corresponde a uma liberdade absurda. O absurdo segundo Camus (2008, p. 80) “Não autoriza todos os atos. Tudo é permitido não significa que nada é proibido”. O homem absurdo é consciente das consequências de seus atos.

É inegável que a convicção da existência de um Deus está atrelada a limitação da ação do homem no mundo. Mas, por outro lado, daria ao homem a tranquilidade da responsabilidade das suas escolhas por ser supostamente orientado na sua tomada de decisão. Ou mesmo que não fazendo a escolha certa, teria a certeza da remissão dos seus atos falhos. Seu futuro não seria tão incerto, tendo em vista que Deus cuidaria para que suas ações fossem recompensadas.

Quando há um Deus também há a certeza de que Ele acompanha as ações do homem e quando o não faz imediatamente, assegura em última instância que o nosso esforço para atingir o que é justo e bom não seja de todo em vão. Acrescenta-se ainda: para o homem crê em Deus, há uma reparação. Deus cura o que o homem destrói por erro ou maldade. Há a culpa, mas também há o perdão e a salvação (HENGELBROCK, 2006, p. 97).

O homem absurdo não tem essa convicção da remissão, ele até conhece os atalhos da vida, mas prefere a dura caminhada consciente no horizonte da vida. O homem absurdo sabe que suas escolhas vão exigir um preço, mas ele está disposto a pagar por elas. Vai usar toda a sua experiência de vida para seguir em frente. “Nesse campo, ao mesmo tempo limitado e pleno de possibilidades, tudo em si mesmo lhe parece imprevisível, exceto a sua lucidez.” (CAMUS, 2008, p. 80). Tendo demonstrado o conceito do homem absurdo, Camus passa a ilustrar suas vidas.

### 1.4.1 O Don Juan

Camus antes de iniciar a ilustração de Don Juan como homem absurdo começa afirmando que “se amar bastasse, as coisas seriam simples.” (CAMUS, 2008, p. 83). Mas Camus sabe que não é tão fácil assim, pois, para o autor, é na intensidade do amor que se firma o absurdo, as experiências na vida de Don Juan serve como um trampolim para alcançar o que deseja.

O personagem Don Juan, que ficou muito conhecido por todos como o sedutor egoísta, que corria desesperado em busca de um amor verdadeiro que lhe desse sentido, não se importava de usar as mesmas artimanhas de outras investidas para seduzir as mulheres. Don Juan foi retratado como um sedutor que buscava a transcendência através das suas paixões amorosas. Camus enxerga Don Juan de maneira diferente, ele não busca um amor verdadeiro para se realizar, ou mesmo espera encontrar realização na transcendência. Don Juan sabe que não há sentido nas suas artimanhas para seduzir as mulheres, por isso, não é melancólico, seu desejo é continuar sua vida experimentando suas conquistas, mesmo que para isso, tenha que repetir seus discursos inúmeras vezes.

O discurso de Don Juan provoca bastante indignação (ou a risada cúmplice que degrada aquilo que admira), assim como aquela frase que serve para todas as mulheres. Mas, para quem busca a quantidade de prazeres, só interessa a eficácia. Para que complicar as fórmulas que funcionaram bem? (CAMUS, 2008, p. 61).

Para Camus, o interesse de Don Juan é na grande quantidade de conquistas, não na qualidade. Se para essas conquistas for preciso repetir os discursos, ele não tem problema de fazê-lo, contanto que esteja dando certo. O que importa para Don Juan é a sedução, ele não está interessado no além da sedução. Não é por falta de amor que ele seduz várias mulheres, segundo Camus (2008, p. 83), “é justamente porque as ama com idêntico arroubo, e sempre com todo o seu ser, que precisa repetir essa doação e esse aprofundamento.” O amor de Don Juan não pode ser limitado a uma pessoa ou mesmo a uma experiência vivida, sua relação com a vida sempre foi intensa. Sua proposta nunca foi se prender ao tempo, ou viver de nostalgia.

O tempo caminha com ele. O homem absurdo é aquele que não se separa do tempo. Don Juan não pensa em “coleccionar” mulheres. Esgota seu número e, com elas, suas possibilidades de vida. Coleccionar é ser capaz de viver do passado. Mas ele rejeita a nostalgia, essa outra maneira da esperança. Não sabe contemplar os retratos (CAMUS, 2008, p. 86).

Don Juan é a ilustração do homem absurdo, pois, é consciente de suas ações e das suas consequências, não tem esperança em outra vida e nem abre mão da sua paixão de viver sua jornada amorosa. Muitos o chamarão de imoralista por contrariar a moral vigente da sociedade. Mas é um erro chamá-lo assim, segundo Camus (2008, p. 85): “Ele é um sedutor comum. Com uma diferença: é consciente, e, portanto, é absurdo. Um sedutor que adquiriu lucidez não mudará por isso. Seduzir é sua condição”. Por ser atribuída a sedução a sua condição, Don Juan é um inocente, por isso, não teme um juízo divino no final da sua vida, isso o torna livre para agir livremente. “Don Juan escolheu não ser nada” (CAMUS, 2008, p. 86). E não sendo nada, multiplica as experiências que não pode ser unificada.

Camus lembra que há muitos que julgam Don Juan e que deseja sua punição, seja aqui ou no juízo final. Mas ele não se importa com o castigo porque está preparado para isso. Segundo Barreto (1971, p. 57): “O castigo para Don Juan não tem sentido, pois, ele próprio o admite como parte do seu destino, e um destino, diz Camus, não é uma punição”. Por não acreditar em uma razão parar seu castigo, e depois de ter experienciado o absurdo, segue até o fim da vida à sua maneira.

Ele não olha para o passado com tristeza profunda causada pela falta de algo ou alguém. Os amores vividos foram plenos, Segundo Camus (2008, p. 89), “se olha para alguma coisa, não é para os fantasmas dos amores passados”. Não se pode imaginar Don Juan triste, se há algo que possa deixá-lo triste, certamente seria a sua morte. Ele ama essa vida, pois, é a única que tem e não há outra que ele deseje.

### 1.4.2 O Ator

Continuando com as ilustrações de homem absurdo, Camus passa a analisar agora o ator. Esse personagem que tem a liberdade e a capacidade de viver vários papéis. Não é por acaso que Camus faz uso desse personagem quando deseja ilustrar o homem absurdo. O ator, da mesma forma que o homem absurdo, deseja viver inúmeras vezes, o que não é difícil para o ator que durante sua carreira pode ter experiências de outros modos de vida. Camus reconhece que a duração da fama de um ator<sup>15</sup> é breve, assim como seus personagens interpretados. Pois, sua fama está restrita a resposta dada pelo público que se faz presente no auditório.

Ao comparar o ator com um escritor, Camus mostra que diferente de um ator, um escritor pode ter sua fama mesmo depois de morto. O que não acontece com o ator, que deve se apegar a fama enquanto estiver vivendo sua carreira. “O ator reina no perecível. Todos sabem que, de todas as glórias, a dele é a mais efêmera, pelo menos é o que se diz. Mas todas as glórias são efêmeras.” (CAMUS, 2008, p. 92). O escritor pode viver com o sentimento de esperança de que um dia mesmo que seu nome não seja conhecido, ou mesmo que ele não esteja vivo, sua obra poderá ser reconhecida, e com isso trazer seu nome à glória.

O ator é uma ilustração do homem absurdo na medida em que não vive na esperança de conquistas ou na ilusão de um galardão após a morte. Ambos vivem conscientes de que suas vidas não têm sentido profundo, suas ações não têm um significado além do que deveria ter. Em outras palavras, o significado de cada ato praticado é o ato que se espera ter com sua consequência inevitável. O ator comparado a outros artistas, se ver na dependência de viver o presente sem a preocupação do futuro.

O que há de surpreendente em ver uma glória perecível construída sobre as mais efêmeras criações? O ator dispõe de três horas para ser Iago ou Alceste, Fedra ou Gloucester. Nesse breve período, ele os faz nascer e morrer em cinquenta metros quadrados de tábuas. Nunca o absurdo foi tão bem ilustrado, nem por tanto tempo (CAMUS, 2008, p. 92).

O homem absurdo tem consciência de suas ferramentas para usar no seu dia a dia. Se Don Juan usava a sedução para alcançar suas conquistas, o ator faz uso de sua voz e de seu corpo. Don Juan foi acusado de usar os mesmos discursos para encantar as mulheres, o ator,

---

<sup>15</sup> O ator que Camus faz referência nessa ilustração é o ator de teatro.

por outro, lado usa da mesma voz e do mesmo corpo para retratar personagens diferentes. É preciso ter talento para ser um em diversos, e em pouco tempo amar, odiar, nascer, viver e morrer.

Segundo Camus (2008, p. 93): “Quanto mais estreito for o limite que lhe é dado para criar seu personagem, mais necessário é seu talento. Ele vai morrer dentro de três horas com o rosto que tem hoje. Precisa sentir e expressar em três horas todo um destino excepcional”. O que uma pessoa leva uma vida toda para viver essa experiência desses acontecimentos, o ator vive em três horas no palco.

Como a igreja não iria condenar tal exercício no ator?<sup>16</sup> Segundo Camus, a igreja condenava a prática da encenação do ator por ele representar inúmeros personagens com atenção voltada para a vida no presente. A igreja pelo contrário, ensinava que deveríamos viver em unidade sempre com o olhar para o futuro, que era representado pela eternidade. A mensagem que era passada pelos atores era que a vida deveria ser vivida pela maior quantidade de experiência, não pela qualidade, e que a vida eterna não era o seu objetivo, mas sim uma vida longa e consciente do absurdo da vida.

Dessa forma, percebe-se que o ator ilustra de maneira clara a vida do homem absurdo. Consciente de que sua vida no palco só tem significado durante às três horas de apresentação, e que sua paixão e todo seu esforço é concentrado naquele intervalo de tempo. Ao fechar as cortinas, o ator sabe que todo o sentido depositado naquela encenação foi deixado de lado com o fechar das cortinas. Ele não fica triste, pois, é consciente da limitação do seu papel assim como qualquer outro personagem.

Quanto mais vidas diferentes ele viveu, com mais facilidade se separa delas. Chega a hora em que tem que morrer em cena e no mundo. O que viveu está à sua frente. Ele vê com clareza. Sente o que essa aventura tem de dilacerante e de insubstituível. Sabe disso e agora pode morrer (CAMUS, 2008, p. 97).

Para Camus, o desejo do homem absurdo é viver o presente e aproveitar as experiências vividas intensamente. Não se importa quando o acusam de ser apenas mais um papel. O que o ator realmente quer é viver a maior quantidade de papéis, e nesse teatro representar inúmeras vidas. “Para o ator, tanto quanto para o homem absurdo, uma morte prematura é irreparável.”

---

<sup>16</sup> (CAMUS, 2008, p. 95).

(CAMUS, 2008, p. 92). Assim como ilustra o ator, que tem várias experiências de vida em um curto espaço de tempo, o homem absurdo quer viver com intensidade sua vida enquanto há tempo.

### 1.4.3 O Conquistador

A terceira e última ilustração dessa série que Camus apresenta é o conquistador. Não é um conquistador no sentido militar, sua vida é ilustrada por Camus como um homem que tem suas preocupações voltadas apenas para o mundo em que ele vive. Tem consciência da sua luta solitária e não espera que algo além das suas conquistas lhe traga sentido. Sabe que suas lutas não têm um grande significado, por isso não tem pretensão de mudar o mundo ou mesmo a natureza.

Camus sabe que a única luta que traria a satisfação ao conquistado seria uma vitória eterna, algo grande que mudaria para sempre o mundo. Mas por ser consciente, o conquistador sabe que essa vitória seria através da transcendência, e isso o custaria caro, para o conquistador isso é impossível.

O conquistador é aquele que vive conscientemente seu tempo. Percebe e compreende o momento histórico e com ele se identifica suportando toda a sua tragédia. Vive os dramas e angústias da história, tendo consciência de que não há causas vitoriosas e por isso prefere lutar pelas causas perdidas. É o homem que tudo arrisca, pois no risco está a sua realização (BARRETO, 1971, p. 59).

Entre a ação e a contemplação, o conquistador não demora muito para tomar uma decisão, ele escolhe a ação. Se outros têm esperança em uma vida mais digna e repleta de realizações no futuro, ele não ignora, pois, sabe que o futuro não lhe pertence, seu olhar está direcionado as suas ações aqui na terra. O conquistador é consciente que a opção da ação e da contemplação vai chegar até ele como escolha, mas isso não será uma escolha difícil, ele já tem em mente seu destino. “Sempre chega o momento em que é preciso escolher entre a contemplação e a ação. Isto se chama torna-se homem.” (Camus 2008, p. 101).

A vitória para o conquistador nunca foi seu maior objetivo, vencer o adversário não é tão importante quanto sua satisfação de se superar. Poderíamos dizer que assim como a fama do ator depois da morte é inútil para ele, a vitória de uma batalha para o conquistador é desprezível. Ambos sabem que não há significado para se encontrar nessa vida, por isso a conquista de uma batalha ou a fama de um personagem não dará significado à vida absurda. Em outras palavras, tanto faz o sucesso ou o fracasso para o conquistador, sua luta serve para continuar vivendo nessa relação conturbada com o mundo.

Camus lembra que a igreja não concorda com essa atitude de vida. Na verdade, ela sempre foi contra aqueles que priorizam à terra no lugar de colocar o céu como principal objetivo. De modo que um homem que pensa assim, pode causar prejuízo moral em uma sociedade e desvirtuar outros a crerem nessa ideia. O conquistador e o homem absurdo só pensam no concreto, não buscam a metafísica ou algo que tenham que contemplar para significar seus atos.

O herói camusiano trata com coisas concretas e por isso ninguém pode usá-lo para construir uma igreja ou partido. Dele nada resta, nem mesmo uma doutrina, a não ser a convicção de que viril é aquele que consegue ser lucido, pois somente dessa forma a força não ficará separada da clarividência (BARRETTO, 1971, p. 61).

O conquistador tem três características importantes que faz lembrar o homem absurdo. A revolta, a liberdade e a paixão. Para Camus, essas características devem estar ligadas à sua condição de existência, suas ações diárias e suas consequências não podem fugir dessa realidade. “Esse mundo absurdo e sem deus é povoado então por homens que pensam com clareza e não esperam nada.” (Camus 2008, p.106). O conquistador assim com o homem absurdo é um revoltado, não abre mão de sua liberdade e sua paixão é pelo concreto, nada que transcenda essa vida.

### 1.5 O absurdo na obra *O Estrangeiro*

A obra *O Estrangeiro* foi escrita em 1942, e por ser uma obra de romance, Camus vai analisar a condição absurda da existência humana e às suas ideias filosóficas de uma maneira mais sutil. É através da história do personagem Meursault um funcionário que trabalha sem ambição em um escritório que fica na cidade de Argel, e que se mostra indiferente ao perder sua mãe, na continuação da história é preso por matar um árabe, e por fim sentenciado à morte. Uma condenação que demonstra a situação absurda de Meursault, já que sua indiferença com as regras tradicionais da sociedade vai ter um peso maior que o próprio assassinato cometido por ele. Esse é o personagem Meursault que Camus usará como exemplo de homem absurdo que se encontra indiferente aos acontecimentos da vida.

Meursault mostra indiferença com a sociedade e com as pessoas que estão ao seu lado, também não se importa com sentimento de amor ou com questões ligadas a fé, não mostra interesse com os eventos que não estejam relacionados ao concreto, ou que dependam de opinião de cada pessoa. Ao recebe o telegrama anunciando a morte de sua mãe, Meursault se mostra indiferente à emoção, apenas se questiona sobre o verdadeiro dia em que ela morreu. “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: ‘sua mãe faleceu. Enterro amanhã. Sentimos pêsames’”. Isso não esclarece nada. Talvez tenha sido ontem.” (CAMUS, 2009, p. 7). Quando o normal é lamentar uma notícia tão triste quanto essa, ele toma uma atitude que se mostra incomum para a maioria das pessoas. Meursault não esboça reação, a impressão que o autor passa é que Meursault não se comoveu.

Porém, Meursault está longe de ser um homem indiferente quando se refere ao lado físico e prático das coisas. Preocupa-se em não incomodar seu patrão com o pedido de licença para a viagem do velório da sua mãe, com a roupa certa para a ocasião que não tendo, pediu emprestado a um amigo. Com a duração da vigília, apesar de não demonstrar tristeza durante todo tempo, reclamava do clima quente da cidade durante o percurso do enterro. Onde nesse momento a enfermeira diz: “Se andarmos devagar — disse ela — arriscamo-nos a uma insolação. Mas se andarmos depressa demais transpiramos e, na igreja, apanharemos um resfriado. Tinha razão. Não havia saída.” (CAMUS, 2009, p. 21). Se a fala da enfermeira for analisada de forma mais literal, veremos que suas palavras retratam o dilema absurdo do tempo: O sol na vida de Meursault já o incomoda de forma inevitável. Meursault sabe que “não havia

saída”, é na fala da enfermeira que Camus descreve a condição humana: os efeitos dos raios do sol, assim como a morte, eram inescapáveis. A morte como fato que não se pode fugir, e a condição do homem diante da vida torna-se a ideia central da filosofia de Camus nas suas obras.

O conflito gerado em torno do sentimento do absurdo do personagem que se mostra um estrangeiro com a sociedade e com o mundo, vai se manifestando durante a narrativa da obra. No dia seguinte a morte da sua mãe vai à praia, e lá encontra uma amiga chamada Marie Cardona que trabalhou com ele anos atrás no mesmo escritório. Depois de uma boa conversa, Meursault conta sobre a morte de sua mãe, isso faz Marie ficar surpresa, pois, tinha sido apenas a um dia do enterro.

Disse-lhe que mamãe tinha morrido. Como quisesse saber há quanto tempo, respondi: — Morreu ontem. Hesitou um pouco, mas não fez nenhum comentário. Tive vontade de dizer-lhe que a culpa não era minha, mas detive-me porque me pareceu já ter dito a mesma coisa ao meu patrão. Isto nada queria dizer (CAMUS, 2009. p. 23).

O comportamento estranho do personagem Meursault frente aos acontecimentos na sociedade pode levar o leitor a querer condená-lo de início. Porém, é preciso deixar claro que Camus não tem a intenção de fazer de Meursault um exemplo de personagem que deva ser punível por seus atos e consequências morais para que se arrependa das suas atitudes. Pensar assim seria como acreditar que a filosofia do absurdo está carregada de sentido, ou que busca um modelo racional da existência. A maneira de viver do personagem está atrelada a essa condição da filosofia absurda.<sup>17</sup>

Sua vida é realizada em torno da necessidade de satisfazer as sensações e necessidades elementares: beber, comer, dormir, fumar. Para além disso, nada existe. Todos os sentimentos que exigem um pouco mais de si mesmo lhe são desconhecidos. O seu estado de espírito é sempre o de nostalgia e completa indiferença diante do mundo e dos homens. A vida repetição cotidiana de gestos, pequenos pensamentos e sensações grosseiras (BARRETO, 1971, p. 149).

Meursault é o modelo perfeito de um personagem que consegue trilhar seu caminho por um mundo onde os acontecimentos em sua volta não precisam de explicações lógicas e causas

---

<sup>17</sup> *O Estrangeiro* não consiste em um romance de tese. No romance de tese há a pretensão de defender um determinado pensamento, ou expressá-lo sutilmente em seus personagens. Uma obra absurda não dá respostas, eis toda diferença. Não há, aqui, a finalidade de transmitir uma ideia com um caráter doutrinário, mas apenas descrever um sentimento e como esse atravessa a vida de um homem qualquer. (FERNANDES, M. Entre a Miséria e o Sol: Absurdo e Criação em Albert Camus. João Pessoa. UFPB, 2017 (Dissertação de Mestrado). p. 65.

racionais para seguirem seu curso. Ele não busca uma ordem racional nas coisas, ele é indiferente às relações humanas. A morte de sua mãe não é tida como algo maior que a própria existência humana. Por isso, o personagem não se sente incomodado de seguir sua rotina mesmo depois desse acontecido.

Os seus dias transcorrem numa total monotonia e repetição (trabalho, sol, mar), uma existência medíocre, um desenrolar puramente mecânico de gestos pequenos e cotidianos, numa submissão total às sensações imediatas e elementares do dia-a-dia. O que observa, ainda, é uma consciência vazia e uma indiferença estarecedora e passiva, diante das possibilidades e desafios da vida (CARVALHO, 2009, pp. 119 - 120).

Agindo apenas como se vivesse uma formalidade de uma vida que não aparenta ter sentido, sem demonstrar sentimento de tristeza ou alegria, apenas sensações elementares, Meursault continua sua rotina da vida. “Pensei que passara mais um domingo, que mamãe agora já estava enterrada, que ia retornar o trabalho, e que afinal, nada mudara.” (CAMUS, 2009, p. 27). Meursault demonstrava um comportamento de um homem que tem a convicção da falta de sentido da vida, ele está alheio à referência moral ou ética. Suas emoções não estão ligadas a alguém ou mesmo a alguma coisa, não há nele emoção sentimental. Na sua cabeça, a sua forma de agir não é considerada boa ou ruim quando se refere à questão moral. Sem se dar conta do envolvimento do sentimento do absurdo na sua vida, ele é o próprio estrangeiro.

A história continua com a chegada de um novo personagem. Raymond, seu vizinho que em um encontro em sua casa pediu conselhos a Meursault sobre sua relação com uma mulher. Após contar sua história amorosa perguntou a Meursault o que ele achava, e a resposta foi: “respondi que não pensava nada”. E quando foi chamado de amigo por Raymond, em seu pensamento Meursault diz: “tanto fazia ser ou não amigo dele.” (CAMUS, 2009, p. 36). Se analisarmos o perfil de Raymond veremos que ele é imoral, age com agressão batendo em sua amante e mais à frente briga com o irmão dela. Raymond não se dando por satisfeito planeja vingar-se dela, a todo tempo ele se mostra um personagem manipulador. Meursault, diferentemente é um personagem amoral. Sua forma de observar as coisas o torna imparcial, não costuma julgar as pessoas, embora não concorde com a forma que seu amigo tratou a sua amante. Meursault não demonstra comportamento violento quando se trata de relação com as mulheres.

Os acontecimentos começam a tomar maiores proporções na vida de Meursault quando ele aceita o convite feito por Raymond para passar o domingo na casa de praia. “Raymond telefonou para meu escritório. Disse-me que um de seus amigos (a quem falara de mim) me convidara para passar o domingo numa casa de praia que tinha perto de Argel.” (CAMUS, 2009, p. 36). Ao chegar à praia, um pequeno incidente acontece, Raymond se envolve em uma confusão com dois árabes, sendo que um dos envolvidos era irmão da sua amante. Ao fim dessa confusão aparentemente resolvida, Meursault e Raymond voltam para casa. Porém, depois de algum tempo, Meursault volta à praia com o revólver que pertencia a Raymond, sob um forte calor do sol no seu rosto.

Eu caminhava lentamente para os rochedos e sentia o seu grande sopro quente no meu rosto, trincava os dentes, fechava os punhos nos bolsos das calças, retesava-me todo para triunfar sobre o sol e essa embriaguez opaca que ele despejava sobre mim. A cada espada de luz que jorrava da areia, de uma concha esbranquiçada ou de um caco de vidro, meus maxilares se crispavam. Andei durante muito tempo (CAMUS, 2009, p. 61).

Chegando a determinado ponto da praia encontra um dos árabes com uma navalha em mãos. O sol ao bater na navalha refletia no rosto de Meursault ofuscando-lhe seus olhos. Sem um motivo mais forte ou mesmo aparente, ele atira no árabe. “Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Então atirei quatro vezes ainda num corpo inerte em que as balas se enterravam sem que se desse por isso.” (CAMUS, 2009, p. 63). Não é claro o motivo real do personagem Meursault ter cometido o crime. E o fato dele continuar atirando no árabe, fará com que, o argumento de autodefesa seja negado, ou mesmo a possibilidade de se admitir um homicídio culposo.

Meursault não demonstra um instinto de um homem assassino ao cometer esse crime. A descrição dos acontecimentos dessa cena pode induzir o leitor a acreditar que Meursault é um inocente, que sua ação não passa de um acontecimento trágico, que ele foi levado a cometer o crime pelo calor que o sufocava e pela luz do sol que o incomodava sempre nas suas ações diárias. Segundo Barreto (1971, p. 149), “atirar ou não significava naquele momento a mesma coisa. O problema moral aparece como distante, irreal confuso”. Por isso, temos essa sensação do trágico na vida de Meursault, um personagem que não está preso a nada.

A segunda parte da vida de Meursault é contada na prisão. E o que poderia parecer mais um julgamento simples, tornou-se algo surpreendente. “A primeira vez, na delegacia, o meu

caso parecia não interessar a ninguém. Oito dias depois, ao contrário, o juiz de instrução olhou-me com curiosidade.” (CAMUS, 2009, p. 67). A partir desse momento veremos que a insensibilidade da trajetória da vida de Meursault é levada em conta pelo promotor que o denuncia por não ter chorado a morte de sua mãe.

A indiferença de Meursault continua quando interrogado pelo juiz diz não ter advogado para sua defesa, e questiona a necessidade de tê-lo, acreditando que seu caso seja simples de resolver. Porém, o que Meursault não sabia, era que sua vida particular tinha sido investigada e que a ausência de sensibilidade na morte de sua mãe era um argumento muito forte para ser usado em sua acusação. Se o leitor de Camus tinha dúvidas se Meursault amava sua mãe, ele responde: “É claro que amava mamãe, mas isso não quer dizer nada.” (CAMUS, 2009, p. 69). Camus começa mostrar aqui que as instituições e a sociedade não estão preparadas para a sinceridade de Meursault.

O juiz questiona o sentido da vida usando um crucifixo quando pergunta a Meursault sobre sua crença em Deus. Para o juiz, o fato de Meursault não acreditar em Deus tornava sua vida sem sentido. O juiz estava habituado à resignação de todos os criminosos que se depararam com o argumento da cruz. Porém, com Meursault foi diferente. “Nunca vi uma alma tão empedernida quanto a sua. Os criminosos que aqui estiveram diante de mim sempre choraram diante desta imagem da dor.” (CAMUS, 2009, p. 74). O juiz deseja que Meursault se arrependa, mas ele não está interessado nisso. Talvez o calor do ambiente fosse mais interessante. O que Camus nos mostra é que Meursault não está apenas sendo julgado pelo crime que cometeu, mas por não esconder sua verdade na sua fala e nas suas ações.

O julgamento de Meursault mostra o quanto ele é “estranho” para a sociedade cujos valores morais tradicionais estão acima da verdade e da condição do sujeito e da sua transparência com essas próprias pessoas. O promotor resume a indiferença de Meursault e o aponta como esse ser “estranho” para os jurados. “– Senhores jurados, no dia seguinte à morte de sua mãe, este homem tomava banho de mar, iniciava um relacionamento irregular e ia rir diante de um filme cômico. Nada mais tenho a lhes dizer.” (CAMUS, 2009, p. 74). O personagem da história também é condenado moralmente pela morte de sua mãe.

O promotor ao descrever os acontecimentos tenta mostrar aos jurados que Meursault tinha conhecimento de causa e o acusa de ser um homem inteligente. Meursault não

compreende como uma qualidade de um homem poderia tornar-se uma acusação contra o culpado. Sem condições atenuantes por não ser sensível na morte da sua mãe e por não ter se arrependido da morte do árabe, Meursault é condenado à morte. “O advogado colocou a mão sobre o meu pulso. Eu já não conseguia pensar. Mas o presidente perguntou se eu não tinha algo a declarar. Refleti. Respondi ‘não’. Foi então que me levaram.” (CAMUS, 2009, p. 111).

Meursault recusa que o capelão entre na sua cela por várias vezes, porém, um dia ele consegue entrar e tenta convencê-lo da necessidade de Deus na sua vida. Meursault continua com suas convicções e com suas descrenças, a certeza da morte para ele só faz suas ideias mais firmes, não busca consolo ou esperança. Após se perguntado pelo padre o porquê recusava suas visitas, Meursault fala sem nenhum peso na consciência: “respondi que não acreditava em Deus. Quis saber se tinha certeza disso e eu respondi que não valia a pena fazer-me tal pergunta: parecia-me sem importância.” (CAMUS, 2009, p. 119). Meursault segue o raciocínio do absurdo da vida, não espera se encontrar na transcendência. Assim como outros personagens camusiano: Don Juan, o ator e o conquistador, Meursault não está interessado em nada que esteja fora desse mundo, se tem algo que ele tem interesse, é esse mundo.

Esperar um sentimento de remorso pelos seus atos seria o equivalente a querer do personagem uma atitude de justificação. O comportamento de indiferença de Meursault faz com que tudo o que foi dito e feito contra ele se torne sem significância. Não recusar a condenação faz dele um “estranho” para a sociedade. Sabendo que seu fim estava próximo, lembra-se de tudo o que lhe aconteceu e despede-se conscientemente de tudo ao seu redor.

Estava esgotado. Atirei-me sobre o leito. Acho que dormi, pois acordei com estrelas sobre o rosto. Subiam até mim os ruídos do campo. Aromas de noite, de terra e de sal refrescavam-me as têmporas. A paz maravilhosa deste verão adormecido entrava em mim como uma maré. Neste momento, e no limite da noite, soaram sirenes. Anunciavam partidas para um mundo que me era para sempre indiferente. Pela primeira vez em muito tempo pensei em mamãe. Pareceu-me compreender por que, ao fim de uma vida, arranjava um “noivo”, porque recomeçara. Lá, também lá, ao redor daquele asilo onde as vidas se apagam, a noite era como uma trégua melancólica. Tão perto da morte, mamãe deve ter-se sentido liberada e pronta a reviver tudo. Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar por ela (CAMUS, 2009, pp. 125-126).

Com sua indiferença, Meursault não só desafiou os padrões morais aceitos por toda sociedade, como também viveu o absurdo do mundo e todo o peso que caiu sobre ele. A obrigação social que determina que a pessoa deva chorar a morte de alguém próximo só mostrou a agressividade de um mundo que não age de forma clara e sincera. Meursault não se sente

pecador diante da morte, pelo contrário, toda indignação, ódio e repouso voltado para ele, fez com que pudesse se sentir purificado. “Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas, eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo.” (CAMUS, 2009, p. 126). A honestidade de Meursault não permite que ele chore de forma falsa na morte de sua mãe só para representar um papel na sociedade.

Por fim, Camus mostra que seu personagem Meursault foi um grande homem que viveu até seu último dia a sensibilidade absurda do mundo sem se resignar. Mesmo quando soube que estava destinado a morrer, não aceitou abrir mão de seu mundo por outro desconhecido. A indiferença que muitas vezes foi elencada e atribuída ao personagem, podemos sem problema alguma atribuir ao mundo também. O mundo foi indiferente a Meursault, mas ele era mais forte. Era consciente da morte, por isso, não fazia muita diferença para ele morrer executado ou prolongar sua vida até uma morte na velhice. Sabendo disso, não cria esperança de escapar da sua sentença recorrendo a um recurso no tribunal. Isso apenas iria criar a falsa esperança de que morte é inevitável.

## CAPÍTULO II:

### 2. DA REVOLTA

Camus situa a escrita da sua obra: *O Homem Revoltado*, diante de um contexto onde a violência é tida como inegável pela história da Segunda Guerra Mundial. Era uma época marcada pelas ideologias e assassinatos premeditados. Camus era consciente da sua impossibilidade na intervenção contra a violência e como também da morte daqueles homens. Sabemos que não cabia a Camus a transformação do mundo,<sup>18</sup> e muito menos mudar a forma de pensar dos homens. Mas, por outro lado, Camus sabia que poderia ser uma voz que se colocava contra a legitimação desses crimes. Era preciso esclarecer a culpa do crime tido como inocente, ou no mínimo uma intimação a justificação desse ato inconcebível. Segundo Camus (2008, p. 14): “Trata-se de saber se a inocência, a partir do momento em que age, não pode deixar de matar”. Camus tenta seguir nessa linha de pensamento, afirmando que “nada saberemos, enquanto não soubermos se temos o direito de matar este outro que se acha diante de nós ou de consentir que seja morto” (CAMUS, 2008, p. 14). É preciso antes de tudo conhecer esse mundo para poder seguir-se nele.

A obra *O Homem Revoltado* continua sendo um elo com *O Mito de Sísifo* na medida em que no tempo da negação a questão do suicídio era o ponto chave do problema camusiano. Já nesse momento, estamos no tempo das ideologias, que segundo Camus, é preciso encontrar as consequências das ações do assassinato. A relação dessas duas obras está na retomada da noção do absurdo como um ponto de partida do campo teórico, para que dessa forma, a noção do absurdo esteja voltada as conclusões práticas referentes à tomada de decisão do homem como atitude de revolta.

Aceitar o absurdo de tudo o que nos rodeia é uma etapa, uma experiência necessária: não deve ser considerado como uma rua sem saída. Suscita uma “rebeldia” que pode ser fecunda. A análise do conceito de revolta poderá ajudar a descobrir noções capazes de devolver à existência um sentido relativo (LOTTMAN, 2002, p. 433).

Uma análise que começou com a questão da repulsa do suicídio diante do absurdo do mundo no qual o homem estava inserido com sua busca por resposta frente ao mundo que se

---

<sup>18</sup>A revolta não estabelece nem deriva de nenhum sistema filosófico. Por isso, não existe também em Camus solução válida e definitiva para todas as questões políticas e humanas (HENGELBROCK, 2006, p. 127).

mantinha calado. E que ainda assim, era necessário manter essa ligação de confronto, pois, o homem dependia dessa ligação para se afirmar enquanto personagem absurdo. Cometer o ato de suicidar-se seria para Camus uma fuga dessa tensão que sustenta a afirmação que o mundo é absurdo, por isso Camus diz que o suicídio não deve ser a resposta para o problema que muitos procuraram no mundo absurdo. Só pode afirmar que a vida é absurda, aquele que está vivo. Camus deixa claro no prefácio do livro *O Mito de Sísifo* que o tema do absurdo não era algo conclusivo, mas que era uma percepção inicial. Trazida pela situação em que o homem se encontrava diante da contrariedade da vida.

A atitude de revolta do homem para Camus é tida como a única forma de escapar do dilema em que ele está inserido: *suicídio físico ou suicídio filosófico*. No capítulo anterior já foi falado sobre esse tema, onde Camus rejeita ambos por não resolver o problema do homem. O suicídio físico ou suicídio filosófico seria uma resposta muito simples para um problema tão complexo como o absurdo da vida. Contrário a essas duas possibilidades de fuga, o homem assume sua condição despertando em si, e no outro que está em sua volta, à consciência da revolta.

O absurdo tratado na obra *O Mito de Sísifo* ecoa suas reflexões em *O Homem Revoltado* na medida em que a preocupação de Camus ainda é antropológica. Está voltada para as denúncias das atrocidades, e como também pela busca da responsabilidade dos crimes que foram cometidas no século XX:

Há crimes de paixão e crimes de lógica. O código penal distingue um do outro, bastante comodamente, pela premeditação. Estamos na época da premeditação e do crime perfeito. Nossos criminosos não são mais aquelas crianças desarmadas que invocavam a desculpa do amor. São, ao contrário, adultos, e seu alibi é irrefutável: a filosofia pode servir para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juizes (CAMUS, 2008, p. 13).

Camus faz uso de um romance: “*O morro dos ventos uivantes*”<sup>19</sup> para criticar a racionalidade atribuída à história. Para exemplificar, ele mostra a relação do crime de paixão: aquele que é cometido no calor da emoção; do crime de lógica: um crime pensado de antemão que tem como principal característica o uso da razão premeditada. Heathcliff, o personagem

---

<sup>19</sup> BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*. Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro e Eliane Gurjão Silveira Alambert. São Paulo: Landy, 2003.

principal deste romance representa o crime passionai, que segundo Camus (2008, p. 13), Heathcliff “seria capaz de matar a terra inteira para possuir Kathie, mas não teria a ideia de dizer que esse assassinato é racional ou justificado por um sistema”. Camus não quer dizer com isso que o “crime de paixão” seja considerado como um crime inocente, mas que implica a “força do amor e caráter” e seguindo seu raciocínio, como a força do amor é rara, o crime passionai é acaba por ser considerado excepcional, muito embora continue sendo considerado uma infração das regras. Diferentemente do assassinato apoiado pelo pensamento filosófico que foi legitimado através da atuação doutrinária política de sua época.

Mas a partir do momento em que, na falta do caráter, o homem corre para refugiar-se em uma doutrina, a partir do instante em que o crime é racionalizado, ele prolifera como a própria razão, assumindo todas as figuras do silogismo. Ele, que era solitário como o grito, ei-lo universal como a ciência (CAMUS, 2008, p. 13).

É sobre essa realidade da legitimação da morte posta por Camus no século XX que ele se contrapõe. Quando se afirma que a vida é inalienável não é apenas ao suicídio, mas também deve se ter a recusa ao ato do assassinato, a possibilidade do crime por fatalidade por mais trágico que seja é aceitável ao homem, o que não se admite é o crime premeditado. Segundo Camus (2008, p. 17), “diante do confronto, assassinato e suicídio são a mesma coisa: ou se aceitam ambos ou se rejeitam ambos.” O raciocínio absurdo camusiano não pode ao mesmo tempo preservar a própria vida e aceita que o outro seja sacrificado, não se pode negar o direito do outro a vida.

Camus analisa o contexto histórico<sup>20</sup> e afirma que a visão niilista absoluta europeia passou do ponto, pois, ao aceitar legitimar o suicídio e ao originar circunstâncias em que em um dado momento a violência e os assassinatos deixaram de ser crimes comuns e passaram a ter legitimação através de pensamentos ideológicos.

Esta lógica levou os valores de suicídio, dos quais nosso tempo se alimentou, às suas últimas consequências, ou seja, ao assassinato legitimado. Do mesmo modo, ela culmina no suicídio coletivo. A demonstração mais notável foi fornecida pelo apocalipse hitlerista de 1945. A autodestruição não era nada para os loucos que se preparavam nos covis para uma morte apoteótica. O essencial era não se destruir sozinho, arrastando consigo um mundo inteiro (CAMUS, 2008, p. 17).

---

<sup>20</sup>A revolta espontânea deve ser questionada em todas as situações históricas e sociais, sobre o que serve o homem aqui, agora e no futuro. A resposta em situações diferentes pode ser outra de cada vez e não são de excluir os erros. Só quem tem o conhecimento absoluto, pode querer procurar a certeza absoluta. (HENGELBROCK, 2006, p. 127).

Camus tenta mostrar o motivo de sua recusa às consequências absurdas quanto ao ato de suicídio ou o assassinato, ele não aceita que uma atitude de um tirano seja legítima. Cita como exemplo a loucura que Hitler cometeu ao buscar um aperfeiçoamento do povo alemão quando convencido de que por meio do assassinato em massa de uma sociedade tida como inferior, traria o surgimento de uma superioridade alemã que por meio dessa superioridade poderia assegurar a dignidade da nação.

Diante desse contexto histórico, a percepção que Camus tem é que “estamos na época da premeditação e do crime perfeito” (2008, p. 13). Em um mundo que a opressão e a escravidão são tuteladas pelo uso do conhecimento científico e justificado pelo pensamento filosófico. Camus não tenta negar a realidade do crime lógico que está em sua volta, e por não negar essa realidade é que ele se propõe em investigar as justificações desses crimes. Se antes o suicídio era questão fundamental rejeitada por Camus por levar o indivíduo à fuga, agora Camus passa a analisar o crime de morte e as situações que são opressivas ao valor do homem. E é partir do questionamento da legitimação desses crimes que Camus passa a rebater as distorções do que realmente é uma revolta em comparação a uma revolução.<sup>21</sup>

Ao analisar o conceito de revolta, Camus irá demonstrar que não se pode diminuir a capacidade de ação da revolta ao associá-la a violência e o assassinato. Pois, segundo Camus, seria confundir os termos, tendo em vista que, a violência e o assassinato são uma das suas primeiras negações. Porém, ao negar o ato do assassinato, Camus não nega sua ação de revolta, mesmo que por circunstância dessa ação afirmativa, implique no confronto direto com o outro. O que não poderia ser cogitado é o suicídio, pois, esse sim impossibilitaria a ação de afirmação da revolta. Camus entende que não podemos ultrapassar os limites da revolta. Se houver transgressão desses limites, a ação do revoltado passaria a ser incoerente e suas atitudes não estariam condizentes com a posição de revolta.

---

<sup>21</sup>Nota-se que a preocupação do autor é com a revolta e não com a revolução. A primeira é uma filosofia de vida, enquanto a segunda é um fenômeno político e social. (BARRETO, 1971, p. 68)

## 2.1 O homem revoltado

A revolta como tema em Camus parte da indagação da condição humana diante do absurdo<sup>22</sup> da vida. Ao perceber os limites impostos pelo surgimento da condição humana e pela consciência do absurdo, o homem passaria então agir no campo da revolta.

A primeira e única evidência que assim me é dada, no âmbito da experiência absurda, é a revolta. Privado de qualquer conhecimento, impelido a matar ou a consentir que se mate, só disponho dessa evidência, que é reforçada pelo dilaceramento em que me encontro. A revolta nasce do espetáculo da desrazão diante de uma condição injusta e incompreensível. Mas seu ímpeto cego reivindica a ordem no meio do caos e a unidade no próprio seio daquilo que foge e desaparece. A revolta clama, ela exige, ela quer que o escândalo termine e que se fixe finalmente aquilo que até então se escrevia sem trégua sobre o mar. Sua preocupação é transformar (CAMUS, 2008, p. 21).

A percepção que se tem é que o homem revoltado se recusa a obedecer a uma ordem que o deixa em situação de oprimido, opondo-se a uma ação que ele julga passar do seu limite, algo que ele não admite mais. Ao negar obedecer, age simultaneamente afirmando um limite que ele acredita ter, e que deve manter. Ao impor uma atitude de recusa, o homem revoltado passa a despertar uma consciência de ação, ele agora passa a afirmar sua condição de revoltado. O que Camus chama de revolta é a atitude do homem que rejeita uma situação que o coloca em uma posição de oprimido.

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda a sua vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. (CAMUS, 2008, p. 25).

A condição de revoltado provoca uma afirmação de valor. E é a partir desse reconhecimento que o escravo, ou homem coloca limites quando seu senhor, ou chefe ultrapassa a fronteira. Segundo Camus (2008, p. 25) “o movimento de revolta apoia-se ao mesmo tempo na recusa categórica de uma intromissão julgada intolerável e na certeza do revoltado de que ele “tem o direito de...”. Agora tem consciência de seus direitos. Mesmo situações impróprias de circunstâncias passadas que antes havia aceitado, não serão mais admitidas a partir de agora. Consciente de seu valor passa a identificar o momento em que seu senhor ultrapassou os limites. Dessa forma, julga que seu valor é intransferível e exige o reconhecimento dele. “A revolta não

---

<sup>22</sup>“Seria impossível entender o conceito de revolta em Camus sem retomar o conceito de absurdo, bem como a questão do assassinato político, condenado em *O Homem Revoltado*, sem a compararmos com a questão do suicídio em *O Mito de Sísifo*” (SOARES, 2010, p. 16)

ocorre sem o sentimento de que, de alguma forma e em algum lugar, se tem razão. É por isso que o escravo revoltado diz simultaneamente sim e não” (CAMUS, 2008, p. 25).

Camus procurar saber “Qual é o significado desse não?” Seria uma forma do escravo revoltado insurgir contra uma autoridade ou mesmo contra uma ordem estabelecida? Ou o significado seria uma atitude de negação e uma forma de mostrar que o homem revoltado impõe limites que não devem ser transpostos? Camus passa a esclarecer que o não do revoltado “significa, por exemplo, as coisas duraram demais, até aí sim, a partir daí, não” (CAMUS, 2008, p. 25). Se antes do ato da revolta esse homem era obrigado a receber ordens que não o satisfazia, agora ele se impõe e não aceita mais obedecer. “Caminhava sob o chicote do senhor, agora o enfrenta. Contrapõe o que é preferível ao que não o é” (CAMUS, 2008, p. 26). Essa nova atitude de afirmar sua existência com a negação de uma ordem imposta revela que o homem está consciente de sua tomada de escolha.

O escravo, no instante em que rejeita a ordem humilhante de seu superior, rejeita ao mesmo tempo a própria condição de escravo. O movimento de revolta leva-o além do ponto em que estava com a simples recusa. Ultrapassa até mesmo o limite que fixava para o adversário, exigindo agora ser tratado como igual (CAMUS, 2008, p. 26).

A condição de escravo não faz parte da natureza do homem revoltado, ao tomar consciência da revolta o homem rejeita essa condição imposta a ele. Diante da escala de valores, cabe ao homem escolher sua posição. Se diante do absurdo ele tinha como valor a escolha da vida, agora a atitude de revolta é a sua opção. Sabe-se, porém, que não é todo valor que implica necessariamente uma revolta, há valores que não exigiu uma atitude de revolta. Mas, por outro lado, toda ação que o homem revoltado se dispõe a atuar é em busca de valor. Por isso, ele não aceita ser tratado como escravo, ou que tenha que obedecer cegamente.

É preciso deixar claro que ele não age por impulso, o seu “não” significa uma atitude pensada, não se trata de uma negação por um cisma de teimosia, ele tem consciência que sua decisão pode provocar ameaças que inclusive coloca sua vida em risco. Por isso, esse “não”, mostra que de fato ele agiu com uma atitude planejada, revelando assim que alguém ultrapassou seu limite, a ponto de impor ordens que viesse a lhe humilhar.

Se com efeito o indivíduo aceita morrer, e morre quando surge a ocasião, no movimento de sua revolta, ele mostra com isso que se sacrifica em prol de um bem que julga transcender o seu próprio destino. Se prefere a eventualidade da morte à negação desse direito que ele defende, é porque o coloca acima de si próprio. Age,

portanto, em nome de um valor, ainda confuso, mas que pelo menos sente ser comum a si próprio e a todos os homens (CAMUS, 2008, pp. 27-28).

Camus não deixa dúvidas que a revolta é uma declaração de valor, valor esse que lhe custa caro. O homem ao pôr-se em risco estaria denunciando a negação de uma ordem. E que, por outro lado, se agisse obedecendo a essa ordem estaria contrariando sua natureza,<sup>23</sup> algo que acredita de forma enfática, e isso iria ferir sua conduta. Ao dizer não, preserva o que ele julga ser maior, e como também o que lhe concede sentido para sua afirmação.

Mas o que seria essa suposta natureza humana vindo de um filósofo que não acredita na determinação das coisas? Camus não esclarece bem o que seria; mas entende-se que a natureza humana está diretamente relacionada à condição da revolta solidária. Já que essa natureza estaria cumprindo um papel de reciprocidade na ação coletiva do homem. É possível também especular que seria através dessa “natureza humana” que o homem passaria a enxergar suas limitações dentro da condição absurda do mundo, e como também, o seu poder de revolta. Dessa forma, a natureza humana está ligada a revolta pela inquietação conflitante do sim e do não. Se de um lado temos a afirmação da vida, do outro temos a negação da condição humilhada do homem.

Quando o homem revoltado coloca sua vida a disposição da ação em que ele acredita, mostra com isso que sua revolta é legítima, mesmo que a identificação com tal situação seja temporária. Camus também nos lembra de que não são todas as negações ditas pelo homem que implica em uma atitude de revolta. Algumas ordens são toleráveis até certo ponto, quando não ultrapassa limites.

Muito frequentemente havia recebido, sem reagir, ordens mais revoltantes do que aquela que desencadeia a sua recusa. Usava de paciência, rejeitando-as talvez dentro de si, mas, já que se calava, mais preocupado com seu interesse imediato do que consciente de seu direito. Com a perda da paciência, com a impaciência, começa ao contrário um movimento que se pode estender a tudo o que antes era aceito (CAMUS, 2008, p. 26).

Camus não especifica um momento tido como apropriado para uma tomada de atitude, ou mesmo uma condição para o surgimento da manifestação da revolta. A ação motivadora do revoltado parte da crença no que ele acredita ser justo para ele, e como também, esse mesmo

---

<sup>23</sup> A análise da revolta nos leva pelo menos à suspeita de que há uma natureza humana, como pensavam os gregos, e contrariamente aos postulados do pensamento contemporâneo. (CAMUS, 2008, p. 28). Na presente obra, Camus não faz uma análise mais aprofundada sobre o que seria a existência desta suposta natureza humana.

valor seja comum para todos os homens. Segundo Camus (2008, p. 28): “o movimento de revolta não é, em sua essência, um movimento egoísta. Certamente, ele pode ter determinações egoístas. Mas o homem se revolta tanto contra a mentira quanto contra a opressão”. A atitude do revoltado não é uma ação de ataque, pelo contrário, ela é de defesa. Por isso é fundamental que o homem revoltado saiba o que vai defender. Ao defender o valor em que acredita, espera também que o outro homem que se encontra na mesma situação de opressão como ele se encontrou, desfrute dessa vitória. Por ele não ser egoísta, deseja que as recompensas dessa luta sejam comuns a todos os que estão na mesma situação.

É na universalização do direito que o homem revoltado busca apoiar sua tomada de decisão. Essa revolta não é exclusiva do oprimido, ela não nasce de forma necessária do humilhado, a revolta pode vir à tona da angústia do outro, nesse caso, a vítima não é o homem revoltado. A situação posta para o nascimento da revolta nessa situação é o outro. Porém, Camus deixa claro que não é uma “identificação psicológica”, uma apropriação de características do outro, não se trata de um pretexto para sentir as dores do outro. Pelo contrário, muitas das ofensas sofridas pelo outro indivíduo, não seria motivo para uma tomada de ação do homem revoltado.

Pode ocorrer, pelo contrário, que não se consiga ver infligir a outros ofensas que nós mesmos temos sofrido sem revolta. Os suicídios de protesto, no cárcere, entre os terroristas russos cujos companheiros eram chicoteados ilustram esse grande movimento. Não se trata tampouco do sentimento da comunhão e interesses. Na verdade, podemos achar revoltante a injustiça imposta a homens que consideramos adversários. Existem apenas identificação de destinos e tomada de partido. Portanto, o indivíduo, não é, por si só, esse valor que ele se dispõe a defender. São necessários pelo menos todos os homens para abranger esse valor (CAMUS, 2008, p. 29).

É no ato da revolta que o homem vai além do outro e de si mesmo. Segundo Camus, nesse ponto de vista, “*a solidariedade humana é metafísica.*”<sup>24</sup> O ato de revoltar-se tem mais valor do que um ato de reivindicação. A condição absurda do homem que se revolta tem um valor humano. Valor esse que supera a vivência individual e chega até a experiência do valor

---

<sup>24</sup> Uma “solidariedade metafísica” não significa a restauração de uma metafísica (nem sequer da grega); não dá, de modo nenhum à experiência, uma dimensão ontológica de profundidade. Camus não considera terminado o silêncio do mundo nem ultrapassada a sua estranheza. Recapitula-se brevemente: posso duvidar de qualquer significado, mas esta dúvida resulta sempre qualquer busca de significado. Da falta deste sentido e da dor dos homens surge a revolta em que tenho de acreditar, pois só com ela nasce o absurdo. Questionada sobre a sua condição de possibilidade, a revolta revela um direito válido para todos os homens e para sempre. É só isto e nada mais, que postula a “solidariedade metafísica.” (HENGELBROCK, 2006, p. 126)

comunitário. “A partir do movimento de revolta, ele ganha a consciência de ser coletivo.” (CAMUS, 2008, p. 35).

Camus percebe que por diversas vezes o conceito de “ressentimento”<sup>25</sup> de Scheler: “uma autointoxicação, a secreção nefasta, em um vaso lacrado, de uma impotência prolongada” (CAMUS, 2008, p. 29), foi confundido com o conceito de revolta. O ressentimento é visto aqui como um desejo de vingança daquele que se considera como vítima. O ressentido cobra com ódio ao homem que lhe fez algum mal, tramar de forma secreta a realização de sua vingança preparando para que pague no tempo certo por seus atos de crime que cometeu. Para configurar-se vingança é preciso que haja um momento e uma ocasião oportuna, já que para Scheler, a resposta imediata ao ato não é tida como vingança.

A partir desse momento, Camus passa a diferenciar o conceito de revolta do conceito de ressentimento. Para que não deixe nenhuma dúvida, pois, acreditavam que o homem revoltado tinha interesse individualista. O que não era verdade, a revolta camusiana não traz no seu íntimo o egoísmo. “A revolta, ao contrário, fragmenta o ser e ajuda-o a transcender” (Camus, 2008, p. 29). Segundo Camus, não podemos esquecer que há um aspecto proveitoso na revolta, e nessa relação de valor toda revolta pressupõe ser positiva.

Já Scheler tinha um entendimento com relação à ideia do homem revoltado diferente, para ele, esse homem era carregado de “ressentimento”, e tem como fonte o desejo de vingança, ódio, malícia e inveja. “O revoltado, por outro lado, em seu primeiro movimento recusa-se a deixar que toquem naquilo que ele é. Ele luta pela integridade de uma parte de seu ser. Não busca conquistar, mas impor” (Camus, 2008, p. 30). O homem revoltado não é guiado pela inveja, egoísmo ou ódio, ele não luta pelo o que não tem, mas pelo que possui e quer preservar, ou pelo que lhe foi retirado. Ainda esclarecendo os dois conceitos, Carvalho escreve na sua obra: *Albert Camus Tragédia do Absurdo*, que: “O ressentimento é passivo, em contrapartida,

---

<sup>25</sup> Le ressentiment est un autoempoisonnement psychologique, qui a des causes et des effets bien déterminés. C’est une disposition psychologique, d’une certaine permanence, qui, par un refoulement systématique, libère certaines émotions et certains sentiments, de soi normaux et inhérents aux fondements de la nature humaine, et tend à provoquer une déformation plus ou moins permanente du sens des valeurs, comme aussi de la faculté du jugement. Parmi les émotions et les sentiments qui entrent en ligne de compte, il faut placer avant tout : la rancune et le désir de se venger, la haine, la méchanceté, la jalousie, l’envie, la malice. Le désir de vengeance est la plus importante des sources du ressentiment. Le mot « ressentiment » indique à lui seul qu’il s’agit d’un mouvement affectif qui a son point de départ dans la saisie de l’état affectif d’une autre personne, qu’il s’agit bien d’une réaction. (Max Scheler, *L’Homme du Ressentiment*, Mesnil-sur-l’Estrée, Éditions Gallimard, 1970, pp. 150-151).

a revolta que leva à solidariedade é um princípio de atividade que rechaça a humanidade, sem pretender que seja sofrida por outros” (CARVALHO, 2009, p. 85). O homem revoltado não age apenas com intuito de beneficiar-se das suas ações. Ele age em grande parte em favor de outros que estão sendo humilhados.

Não se compreende, portanto, por que Scheler identifica de forma absoluta o espírito da revolta com o ressentimento. Sua crítica do ressentimento no humanitarismo (que ele trata como a forma não cristã do amor humano) aplicar-se-ia talvez a certas formas vagas de idealismo humanitário ou às técnicas do terror. Mas pisa em falso no que se refere à revolta do homem contra a sua condição, o movimento que compele o indivíduo à defesa de uma dignidade comum a todos os homens. Scheler quer demonstrar que o humanitarismo se faz acompanhar do ódio ao mundo (CAMUS, 2008, p. 31).

O revoltado de Camus não tem como objetivo a morte daquele que o oprime, o que ele realmente quer é se afirmar como possuidor de seus valores, ao se afirmar como detentor de seus direitos, nega que seu opressor possua direito de continuar lhe dando ordens. É preciso entender que a revolta não pode ultrapassar os limites, pelo contrário, ele preza por isso, na sua jornada busca trazer de volta a grandeza própria do humano revoltado. Por outro lado, Segundo Chagas (2018, p. 141), “os fracos ressentidos tornam-se amargos com a vida e passam a ser intolerantes com tudo. Pessimistas com a vida e moralistas, ou seja, muito preocupados com os costumes e as práticas alheias”.

Camus tenta demonstrar que as atitudes do homem revoltado sempre se mostraram verdadeiras, e que nunca agiu por simples comoção humanitária. Diferente do homem ressentido que dissimulava suas atitudes e seus sentimentos. Para Camus, o ressentido amava a “humanidade”, para não ter que amar o homem. A revolta que não alcança seu próximo, na prática, e que nega a mão à solidariedade ao homem, não corresponde ao objetivo proposto por Camus. O discernimento de um direito humano advém da ação da revolta, é ela que dar essa condição de lutar por esse direito, onde meu interesse não pode estar acima do outro, mas sim, relacionado.

De resto, no movimento da revolta, tal como o focalizamos até aqui, não se elege um ideal abstrato, por falta de sentimento, e com um objetivo de reivindicação estéril. Exige-se que seja levado em conta aquilo que, no homem, não pode ficar limitado a uma ideia, esta parte ardorosa que não serve para nada a não ser para existir. Isso quer dizer que nenhuma revolta é carregada de ressentimento? Não, e sabemos bastante sobre isso, no século dos rancores. Mas devemos entender essa noção em seu sentido

mais abrangente, sob pena de traí-la, e, sob este aspecto, a revolta transcende o ressentimento (CAMUS, 2008, p. 31).

Para transcender o ressentimento é preciso que a atitude do homem seja autêntica, para que assim possa defender sua identidade. A atitude do revoltado vai além da reclamação das circunstâncias, quando outros ficam ressentidos consigo mesmo, o homem revoltado vai à luta para mostrar seu valor e impor suas condições. Ele entende que precisa se superar e se mostrar firme contra a atitude egoísta. Consciente de que não está sozinho nessa caminhada, leva consigo o respeito e a solidariedade. Mesmo que por algum motivo venha a exceder na sua vontade e cause algum dano, algo possível de acontecer, porém, não será visto como inocente, pois, ainda continua sendo responsável por suas atitudes.

É nessa responsabilidade no modo de agir que Camus enxerga uma relação de reconhecimento no posicionamento da revolta. Pois, há uma dependência do outro para que essa afirmação de reconhecimento se mostre autêntica, e, ao mesmo tempo, qualquer valor imputado ao homem revoltado vai depender de que ele reconheça e assuma, se assim o quiser. De outra forma, não haveria acordo. Porém, a atitude do homem revoltado sempre é a busca do diálogo, mesmo que por muito tempo teve-se a ideia de que a colocação da atitude revoltada tenha sido de rompimento e de negação desse diálogo. Contudo, essa disposição ao diálogo só é possível na medida em que o homem revoltado seja tratado como igual. Assim, a revolta continua sendo a atitude esperada, ela precede o diálogo.

A injustiça é alicerçada no monólogo, por isso que a arma do revoltado é o diálogo. É no monólogo que a injustiça e a opressão se fazem presente, que a mentira e a maldade ganham força. Contrário ao monólogo, o diálogo do revoltado é uma porta aberta para consciência e coletividade que se traduz em união da afirmação de buscas dos mesmos objetivos. O diálogo reconhece o outro como igual na relação de desejo de entendimento.

Assim como o monólogo, a mentira é outra atitude que o revoltado se contrapõe. A mentira nega a solidariedade do homem revoltado, por trazer em si todo o peso do dogmatismo. A mentira em sua essência causa a separação das forças que a tanto tempo se buscou para o fortalecimento do homem.

A mentira tem que ser repetida, afirmada e reafirmada monotonamente, para que se firme. Basta que se eleve uma voz para contrariá-la, perderá todo o seu valor. A

mentira tem que ser solitária. Tem que ser totalitária. E o totalitarismo é mentiroso. Toda afirmação isolada, toda afirmação que impeça afirmações contrárias é mentirosa. É mentirosa porque negação da consciência que quer ver as possibilidades. A verdade é uma soma e nunca uma restrição (GUIMARAES, 1971, p. 67).

A revolta é antes de tudo segundo Camus, um movimento de consciência do homem informado de seus direitos. E que essa atitude de revolta só passa a fazer sentido na sociedade ocidental<sup>26</sup> devido sua dessacralização. Em uma sociedade regida pelo sagrado não existe problema com a “revolta”, já que nesse mundo as respostas estão prontas. Se não existe o sagrado, também não há o sacerdote para intermediar a revelação da verdade.

Mas, antes que o homem aceite o sagrado, e também a fim de que seja capaz de aceitá-lo, ou, antes que dele escape, e a fim de que seja capaz de escapar dele, há sempre questionamento e revolta. O homem revoltado é o homem situado antes ou depois do sagrado e dedicado a reivindicar uma ordem humana em que todas as respostas sejam humanas, isto é, formuladas racionalmente. A partir desse momento, qualquer pergunta, qualquer palavra é revolta, enquanto, no mundo do sagrado, toda palavra é ação de graças (CAMUS, 2008, p. 33).

Dessa forma, homem revoltado de Camus se coloca como o antes, ou o depois do sagrado, nunca pertencente ao estado do sagrado<sup>27</sup>. Por não pertencer ao sagrado tem a autonomia de exigir resposta humana advinda do conhecimento racional. Distante do sagrado suas palavras ecoam na revolta, o homem revoltado rejeita a ação de graças do mundo sagrado, pois, para ele, a verdade não pode sobressair-se em relação ao outro, nem muito menos a obediência não pode ser exigida diante da igualdade da revolta.

Assim, todo o discurso passa a ter legitimidade de reconhecimento do homem revoltado de forma equiparada. O homem revoltado que tomou a consciência de legitimidade de si como indivíduo, deve também externar a legitimidade dessa consciência do outro. Só agindo de maneira igualitária para que seu diálogo seja aceito. O direito de rebelar-se é também direito do outro, já que divide sua existência no absurdo da relação do homem com o mundo.

---

<sup>26</sup> Poder-se-ia ainda ser mais explícito ao observar, com Scheler, que o espírito de revolta dificilmente se exprime nas sociedades em que as desigualdades são muito grandes (regime hindu de castas) ou, pelo contrário, naquelas em que a igualdade é absoluta (certas sociedades primitivas). Em sociedade, o espírito de revolta só é possível em grupos nos quais uma igualdade teórica encobre grandes desigualdades de fato (CAMUS, 2008, p. 32).

<sup>27</sup>A revolta é profana. Só a dessacralização permite a rebeldia. Enquanto submetidos a uma estrutura religiosa, o agir terá que ser uma ação de graças. Ser religioso é concordar com uma ordem superior. A religiosidade não permite aquela consciência do bem que realizamos. A idade média reflete a concordância com a opressão, enquanto sua dimensão própria é religiosa. (GUIMARAES, 1971, p. 66).

Camus é consciente que não podemos resumir a vida do homem à resistência de uma vida de revolta. Mas, por outro lado, a história do mundo atual tem mostrado que a atitude de revolta é uma grandeza essencial na vida do homem. A não ser que ele fuja da realidade estabelecida, ele terá que concordar com a atitude de revolta. É no movimento da revolta que a solidariedade do homem é alicerçada, sem a cumplicidade da revolta não haveria a justificativa do olhar para o outro. “Portanto, que toda revolta que se permite negar ou destruir a solidariedade perde, ao mesmo tempo, o nome de revolta e coincide, na realidade, com um consentimento assassino” (CAMUS, 2008, p. 34).

Dessa forma, Camus desloca o homem que é nitidamente o sofredor solitário do absurdo, para homem revoltado solidário. Aproveitando o pensamento de Descartes: o “penso, logo existo” para a condição de todos os homens: “revolto-me, logo existimos”. A revoltada é apontada por Camus como primeira vidência para chegar a um valor futuro.

Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos (CAMUS, 2008, p. 35).

Camus faz renascer o “cogito” de Descartes traçando uma linha que iniciou no sentimento do absurdo até a evidência da revolta. Um pensar do indivíduo que lutou sozinho e que agora, essa luta toma proporção da consciência do homem na coletividade. Isso só ressalta o entendimento de Camus com o olhar diferenciado sobre a temática da preocupação do homem.

## 2.2 A revolta metafísica

A atitude de revolta para Camus não pode ser vista como um simples ato de insurreição, a revolta é um posicionamento que o homem consciente de seu valor e da sua condição quer afirmar nesse mundo. Dessa forma, a revolta metafísica passa a apontar para uma exigência de unidade. Ela tem como pretensão o restabelecimento da ordem e da justiça que afetou não apenas um homem, mas toda a humanidade.

Se no primeiro momento tínhamos a relação da afirmação e negação do senhor e escravo, opressor e oprimido, agora temos na revolta metafísica a insurreição da própria condição humana. O estado de frustração do homem contra a sua criação diante da condição que lhe foi atribuída.

A revolta metafísica é o movimento pelo qual um homem se insurge contra a sua condição e contra a criação. Ela é metafísica porque contesta os fins do homem e da criação. O escravo protesta contra sua condição no interior de seu estado de escravidão; o revoltado metafísico, contra sua condição na qualidade de homem (CAMUS, 2008, p. 39).

Nesse ponto, a revolta passa a ser chamada de metafísica porque há uma recusa em aceitar como válido os fins do homem e como também da sua criação. Assim, a revolta metafísica torna-se um movimento onde o homem recusa sua condição de ser. O escravo recusa sua condição de escravo, e o homem revoltado por sua vez, sua condição na qualidade de homem. O escravo rebelde argumenta que não vai mais aceitar o tratamento dirigido a ele pelo seu senhor. Já o homem revoltado, mostra-se extremamente frustrado com a criação. Camus deixa claro que ambos não estão agindo por uma simples negação ou mesmo insistindo em um comportamento obstinado de teimosia motivado apenas por um capricho de uma implicância de má vontade. “Em ambos os casos, na verdade, encontramos um juízo de valor em nome do qual o revoltado se recusa a aprovar a sua condição” (CAMUS, 2008, p. 39).

Camus chama atenção para à atitude do escravo, pois, quando ele se revolta e entra em desacordo em relação ao seu senhor, não o nega enquanto natureza de um ser humano, mas sim, sua insurreição é na qualidade de autoridade de “senhor”. Nega ao senhor por não considerar sua exigência, e por consequência tratá-lo com desqualificação. Se o tratamento dado aos homens não for de um valor igualitário, legítimo por si e por todos, não haverá compreensão entre eles mesmo. Faz parte da exigência do homem revoltado o reconhecimento desse valor.

O não reconhecimento implicaria em uma desordem social e elevaria o número de crime no mundo. Segundo Camus (2008, p.39), “O movimento de revolta surge nele uma reivindicação de clareza e de unidade. A mais elementar rebelião exprime, paradoxalmente, a aspiração a uma ordem. Linha por linha, essa descrição convém ao revoltado metafísico”.

A negação do homem revoltado e a do escravo revoltado não é algo tão simples. Se por um lado, o homem luta para contestar sua condição atual, por outro, o escravo briga pelo estado que lhe foi imputado de escravidão. O sentimento de frustração do revoltado metafísico está na sua dignidade, ele exige porque sabe que o que ele tem é dele, e o que lhe foi tirado pertence a ele. Essa busca de reparação é válida porque a realidade não é correspondente. A condição metafísica para o homem é injusta, ele é submetido ao maior e mais temível dos males, ou seja, a morte. Não aceitando a morte e exigindo ser feliz. “Ao protestar contra a condição naquilo que tem de inacabado, pela morte, e de disperso, pelo mal, a revolta metafísica é a reivindicação motivada de uma unidade feliz contra o sofrimento de viver e de morrer” (CAMUS, 2008, p. 40).

O homem revoltado denuncia as contradições que enfrenta no seu caminho. Carrega em si o princípio de justiça, mas o que vê no mundo é apenas injustiça. Ele não desiste, seu desejo é resolver toda essa incoerência. Sua missão é a afirmação do homem, é a luta pelo direito a ser tratado de forma justa, quer ser feliz, viver e não morrer. Camus esclarece que quando o homem revoltado não deseja sofrer ou morrer, não faz isso compelido pelo medo ou covardia, mas por julgar que há inutilidade nessas punições. Segundo Camus, a revolta não é dirigida diretamente ao fato em si, mas a ausência da causa motivadora do fato, em outras palavras:

A esse respeito, o protesto contra o mal, que está no próprio âmago da revolta metafísica, é significativo. Revoltante em si não é o sofrimento da criança, mas o fato de que esse sofrimento não seja justificado. Afinal, a dor, o exílio, o confinamento, são às vezes aceitos quando ditados pela medicina ou pelo bom senso. Aos olhos do revoltado, o que falta à dor do mundo, assim como aos seus instantes de felicidade, é um princípio de explicação. A insurreição contra o mal continua sendo uma exigência de unidade. No mundo dos condenados à morte, à mortal opacidade da condição, o revoltado contrapõe incansavelmente a sua exigência de vida e de transparência definitivas (CAMUS, 2008, p. 39).

O revoltado metafísico não só recusa à condição de ser mortal, como também a autoridade daquele que lhe impõe essa condição de viver. Ao recusar esse poder divino faz do

homem revoltado uma testemunha de Deus.<sup>28</sup> A implicação dessa recusa de poder para sua condição coloca-o como um não ateu. A recusa à ordem não implica que o ordenador não exista. Não sendo ateu, obrigatoriamente será um blasfemo. “O revoltado metafísico, portanto, certamente não é ateu, como se poderia pensar, e sim obrigatoriamente blasfemo. Ele blasfema, simplesmente em nome da ordem, denunciando Deus como o pai da morte e o supremo escândalo” (CAMUS, 2008, p. 40).

Ele é blasfemo porque não aceita, se nega a conformar-se com o sofrimento. Mais do que negar a existência de Deus, o homem revoltado deseja um diálogo com Deus no mesmo nível de igualdade. Primeiro é preciso reconhecer sua existência, só assim para então lutar e exigir seus direitos para enfim conquistar sua vitória e derrubar a divindade. “A revolta afirma desse modo que no seu nível qualquer existência superior é, pelo menos, contraditória” (CAMUS, 2008, p. 41).

Para Camus, a história da revolta metafísica não pode ser relacionada à história do ateísmo. Pois, sob um olhar contemporâneo da história estaria mais próxima de confundir com o sistema religioso. A personalidade do revoltado no primeiro momento é mais de desafiar do que negar.<sup>29</sup> A princípio ele não elimina Deus, deseja dialogar de igual para igual, mesmo que essa conversa não seja amigável, afinal é preciso levar em conta o desejo de vencer do homem revoltado. “O escravo começa reclamando justiça e termina querendo a realeza. Ele também precisa ter a sua vez de dominar.” (CAMUS, 2008, p. 41). O que antes era uma rebelião humana, agora passa a ser maior, uma revolução metafísica.

Se o revoltado não se vê obrigado a chegar à inexistência de Deus, chegará, inevitavelmente, ao antiteísmo. A existência do mal é a condenação de Deus e nenhuma desculpa é possível a um criador onipotente que elabore um universo de dor. O ateísmo seria, então, a defesa do ser supremo. A morte de Deus é a conclusão de uma filosofia revoltada. Quer seja a morte que o homem proclama, pela oposição, pela

---

<sup>28</sup>A revolta camusiana é contra o Deus do cristianismo, o Deus criador e responsável por todas as coisas, entre elas, o mal metafísico. É contra esse Deus que o revoltado metafísico se insurge. Negar o poder da ação de Deus é afirmar a sua impotência perante a injustiça ontológica. Portanto, sendo Deus impotente, cabe ao homem lutar contra o mal. O homem é o único ser capaz de protestar conscientemente contra sua própria condição, afirmando o direito à dignidade. (PIMENTA, 2016, p. 19).

<sup>29</sup> Nessa leitura é possível lembrar o personagem de Dostoiévski, Ivan Karamazov. Que segundo Camus (2008, p.74). “Toma o partido dos homens, ressaltando a sua inocência. Ele afirma que a condenação à morte que paira sobre eles é injusta. Em seu primeiro movimento, pelo menos, longe de defender o mal, ele defende a justiça, que situa acima da divindade. Portanto, ele não nega de modo absoluto a existência de Deus. Ele o refuta em nome de um valor moral. A ambição do revoltado romântico era falar com Deus de igual para igual”.

discordância com a ordem, pelo desafio frontal, ou a desculpa suprema da proclamação da inexistência (GUIMARÃES, 1971, p. 70).

A atitude de revolta não coloca Deus em evidência, ela atrai atenção à luta diária do homem revoltado na busca por mudança do seu mundo. A morte de Deus para o movimento da revolta tem um significado importante, pois, o homem passa agora a ter que justificar a ausência da autoridade do poder divino. Caberá ao homem com a morte de Deus fundamentar seu império. Camus nos chama atenção que a fundamentação desse novo império dirigido e fundamentado pelo homem não se fará sem grandes consequências. Com a morte de Deus é inegável que o homem ganhe mais liberdade, porém, junto a isso, vem à carga da responsabilidade de sua condição humana. A morte de Deus não traz alegria para a história da humanidade, ela traz responsabilidade para a história.

Diante dessa responsabilidade, não se deve atribuir as consequências apenas ao movimento de revolta em si. As consequências do império dos homens só poderão ser atribuídas ao revoltado que não valorizou e que esqueceu suas origens. Atribui-se a essas duras consequências àquele que não preservou a tensão entre o “sim e o não”, que negou tudo, ou foi submisso total.

Início do século XX a revolta metafísica encontra-se na incoerência do vazio deixado pela ausência de Deus e, ao mesmo tempo pela busca de justiça e moral. “Morto Deus, resta a humanidade, quer dizer, a história, que é preciso compreender e construir” (CAMUS, 2008, p. 41). É partir dos destroços que ficaram da ausência divina que o homem terá que recomeçar, e essa compreensão de recomeço só é possível na revolta histórica.

### 2.3 A revolta histórica

Saindo da ação da revolta metafísica, agora a revolta passa a atuar no campo da história. Com a morte de Deus causada pela revolta metafísica surge um vazio que precisaria ser preenchido. Tendo em vista que, esse vazio remeteria a lembrança de um ser divino do qual o homem não deseja lembrar, o homem revoltado busca de maneira enfática alguma forma ocupar esse vazio. “Ao recusar Deus, ele escolhe a história, por uma lógica aparentemente inevitável” (CAMUS, 2008, p.132). Segundo Camus, a revolta histórica passa a ser a consequência lógica para o preenchimento da morte de Deus causada pela revolta metafísica.

Para Camus, o início ou o fim da tragédia<sup>30</sup> do homem contemporâneo está relacionado à ideia da morte de Deus. A leitura que Camus faz desse homem revoltado é que ele está convencido da sua condenação, diante da transgressão da lei divina ele perde a esperança da tão sonhada imortalidade. A partir de agora consciente e sem esperança, toma a decisão de abandonar o caminho da graça em nome do reino da justiça terrena. Agora cabe ao homem compreender e construir esse mundo com suas próprias forças, agarrando-se ao uso da razão como arma de combate, passando agir com suas próprias mãos.

Chegamos ao momento em que a revolta, ao rejeitar qualquer servidão, visa anexar a criação como um todo. Em cada um desses malogros, já tínhamos visto anunciarem-se a solução política e a solução de conquista. De agora em diante, ela só irá reter dessas aquisições, com o niilismo moral, a vontade de poder. O revoltado só queria, em princípio, conquistar o seu próprio ser e mantê-lo diante de Deus. Mas ele esquece as suas origens e, pela lei do imperialismo espiritual, ei-lo em marcha para o império do mundo, através de crimes multiplicados ao infinito. Ele banuiu Deus de seu céu, mas, com o espírito de revolta unindo-se abertamente ao movimento revolucionário, a reivindicação irracional da liberdade vai paradoxalmente usar como arma a razão, o único poder de conquista que lhe parece puramente humano. Morto Deus, resta a humanidade, quer dizer, a história, que é preciso compreender e construir (CAMUS, 2008, p. 128).

Tivemos um século XIX marcado pelas revoltas e um século XX caracterizado pelo ideal de justiça e moral segundo Camus. Diante disso, ele se propõe a traçar um perfil histórico da Revolução Francesa. Mostrando o homem como um instrumento de contradição na história, onde ele inicia uma revolta e termina como um construtor de templo. Segundo Camus, (2008, p. 127). “Matar Deus e erigir uma Igreja é o movimento constante e contraditório da revolta. A

---

<sup>30</sup> “Se é falso dizer que nesse dia começou a tragédia do homem contemporâneo, também não é verdade que ela tenha terminado ali” (CAMUS, 2008, p. 126).

liberdade absoluta torna-se, afinal, uma prisão de deveres absolutos, uma ascese coletiva, uma história a ser terminada.” Camus entende que há uma distinção entre os termos revolta e revolução.<sup>31</sup>

A revolta é vista como uma experiência que está voltada para o particular, para uma atitude consciente humana contra alguma injustiça, por exemplo, o escravo ao dizer não ao seu senhor seria uma forma de revolta. Não precisa ter por trás um fator social ou mesmo político, é a sua experiência de vida que julga injusta ou mesmo uma situação que a coloca em uma situação de opressão que justifica a sua revolta. Como dito anteriormente, a revolta é um diálogo que abre espaço para o outro.

Já a revolução está voltada para outro lado, tem uma ideia estabelecida de modo mais geral. Por ser extremista, não se importa em sacrificar o indivíduo mesmo que seus objetivos ainda não sejam claros, e por consequência está disposta a lutar ao ponto de matar ou morrer. Diferente da revolta, a revolução não está aberta ao diálogo, que consequentemente não aceita ser contestada. Entre outros, tem como objetivo claro de acabar com a história.

Teoricamente, a palavra revolução conserva o sentido que tem em astronomia. É um movimento que descreve um círculo completo, que passa de um governo para outro após uma translação completa. Uma mudança de regime de propriedade sem a correspondente mudança de governo não é uma revolução, mas uma reforma. Não há revolução econômica, quer seus meios sejam pacíficos ou sanguinários, que não seja simultaneamente política. Nisso, a revolução já se distingue do movimento de revolta. A revolução, diferentemente do movimento de revolta, é guiada por uma ideia geral que busca por um fim para a história. A revolta, exemplificada pela insurgência do escravo, aponta para a particularidade da revolta (CAMUS, 2008, p. 132).

A revolta histórica segundo Camus tem origem na aclamação do povo pelos valores da liberdade e da justiça. E que a liberdade “está no princípio de todas as revoluções”, e sem essa liberdade “a justiça parece inconcebível para os rebeldes”. Porém, esse ideal de justiça muito embora se mostre impossível sem a liberdade, segundo Camus (2008, p. 131), “chega um

---

<sup>31</sup> É preciso aqui expor que não foi encontrado um entendimento, quando da leitura de comentadores de Camus sobre a relação revolta e revolução. Se Luppe (1963), em análise d’*O homem revoltado*, define “revolta histórica” como sinônimo de “revolução”, para Guérin (2009) a revolução é um desvio, uma desmedida da revolta histórica. Para Jeanson (1999), a revolta histórica sempre se manifestou, até então, sob a forma de revolução e, portanto, sempre perverte o significado original da revolta. O entendimento que aqui parece ser mais próximo das intenções de Camus parece ser o de Guérin, levando-se em consideração a leitura que Camus faz do terrorismo russo de 1905 (LAURINDO, 2014, p. 43).

tempo, contudo, em que a justiça exige a suspensão da liberdade. O terror, maior ou menor, vem então coroar a revolução”. Camus pergunta sobre o que podemos esperar da revolta, se até mesmo os valores que a constituem e promove seu incentivo aparenta ser contraditório.

Camus atribui ao ano de 1793 o término dos tempos da revolta, onde Deus estava associado com a história por meio dos reis. “Deus está cambaleante, e a justiça, para afirmar-se na igualdade, deve dar-lhe o golpe de misericórdia ao atacar diretamente o seu representante na terra” (Camus, 2008, p. 140). Mas a partir do momento que se mata o rei, se inicia os tempos dos revolucionários.<sup>32</sup> Com a morte do rei Luiz XVI acabou a “revolta” e iniciou-se a “revolução”, com essa mudança de cenário na história surge então a Revolução Francesa. Passamos agora a uma exaltação da vontade do povo com poderes infalível e sem limites.

A Revolução Francesa sob o ponto de vista analisado por Camus reveste-se de características importantes. Pela primeira vez na história um rei (Luiz XVI) foi morto para que fosse destruído um princípio, o princípio do direito divino. Às lutas intelectuais dos últimos séculos serviram para fazer nascer e crescer as forças da negação e da revolta. Até então umas e outras estavam restritas ao campo dos debates intelectuais (BARRETTO, 1971, p. 84).

A Revolução Francesa teve que lutar contra seus próprios princípios no que se refere ao poder da monarquia. Já que o rei era tratado como um deus que não podia ser contrariado, e que todos dependiam dele. Porém, nem todos concordavam com isso, o parlamento por muitas vezes contestou essa legitimação. Contudo, é preciso deixar claro que os parlamentares não questionavam se o poder do rei tinha origem na esfera divina, a crítica feita aqui é sobre a questão de justiça. Seria justo tanto poder reunido na mão de apenas um homem?

Dessa forma, A Revolução Francesa se mostra como uma luta que está entre a graça divina e a justiça terrena. Se antes matava-se um rei para que outro ocupasse seu trono, agora se mata em nome da justiça. A violência passa a ocupar o pensamento e a atitude revolucionária, onde aquele rei que tinha sobre si a imagem da graça divina deve morrer para que no seu lugar deva ser construído um reino de virtude.

A execução do rei assinala o término de uma etapa fundamental da história humana. Camus considera a morte de Luiz XVI como um dos momentos mais importantes do

---

<sup>32</sup> Dentre os movimentos revolucionários contemporâneos o que mais se aproximou do ideal camusiano foi o sindicalista revolucionários. [...] Camus chama atenção para o fato de que foi graças ao sindicalismo revolucionário que em menos de um século melhorou-se a condição operaria, desde o dia de dezesseis horas até a semana de quarenta horas (BARRETO 1971, p. 114).

movimento revolucionário. Simboliza para ele a dessacralização da história e a secularização de Deus (BARRETO, 1971, p. 85).

A morte de Deus consentiu a possibilidade ao homem que agora livre do divino pudesse construir sua nova religião, um “novo evangelho”. Esse novo evangelho encontrou sua base na obra *O Contrato Social* de Rousseau<sup>33</sup>. *O Contrato Social* passa a ser uma substituição do corpo místico da cristandade pelo corpo político, e que em outras palavras, sai à divindade e entra a razão e a virtude. O homem para ser feliz deve passar a viver seguindo as regras da razão e agindo virtuosamente.

O ataque contra a ordem tradicional é tão evidente que, desde o primeiro capítulo, Rousseau se concentra em demonstrar a anterioridade do pacto dos cidadãos, que cria o povo, em relação ao pacto entre o povo e o rei, que funda a realeza. Até então, Deus fazia os reis, que por sua vez faziam os povos. A partir do Contrato social, os povos se criam sozinhos antes de criarem os reis. Quanto a Deus, é assunto encerrado provisoriamente (CAMUS, 2008, p. 141).

Em Rousseau, a vontade individual deve se sujeitar a vontade geral, que é soberana e legítima. Essa vontade geral é possuidora de atributos divinos. Ainda que pareça que *O Contrato Social* tenha surgido com um propósito de expressar um novo momento do humanismo, na verdade, funda outra igreja baseada nos termos já citados como: “absoluto”, “sagrado” e “inviolável”. Segundo Camus (2008, p. 143): “Encontramo-nos aqui no alvorecer de uma nova religião, com seus mártires, ascetas e santos”. Dessa forma, com o desaparecimento do soberano destronado, que em outras palavras, é o assassinato do rei, passa-se a admitir uma nova época, uma época que duraria até os dias atuais.

A Revolução Francesa passa a ser conduzida pelo que Camus chama de “*O novo evangelho*” em referência a obra *O Contrato Social*. De acordo com Camus, para que nasça o contrato é preciso que o rei morra, as boas novas dessa nova religião é a razão como um deus que se confunde com a natureza. Na substituição do rei, passa a ser considerado o povo em sua vontade geral. A vontade geral do povo não é bem vista aqui para Camus, porque segundo ele, por não haver limites na vontade geral, acaba por criar aspectos divinos. Cabendo a esse novo

---

<sup>33</sup>ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social; tradução de Lourdes Santos Machado e introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado – 2ª Edição, São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).

poder a prerrogativa de decidir quem deve viver ou morrer. Desse modo, estamos diante da justificação da pena de morte que Camus tanto condena.

Camus não acusa Rousseau de promover nenhuma apologia à derramada de sangue. Sua obra sobre o “contrato social” apenas concedeu na teoria o poder incondicional à vontade geral do povo. Ele foi apenas um teórico, não cultivou a prática de sua teoria para a realidade. Porém, Saint-Just que foi considerado um jovem revolucionário, votou para que Luís XVI fosse executado. Segundo Camus (2008, p. 144) “No processo do rei, o essencial de sua argumentação consiste em dizer que o rei não é inviolável e deve ser julgado pela assembleia, não por um tribunal. Quanto a seus argumentos, ele os deve a Rousseau.” Seu discurso é tido como um dos mais eloquentes desse processo, sendo fundamental para a condenação do rei.

O famoso discurso de Saint-Just tem todo o aspecto de um estudo teológico. “Luís, um estranho entre nós”, eis a tese do adolescente acusador. Se um contrato, natural ou civil, pudesse ainda unir o rei ao seu povo, haveria uma obrigação mútua; a vontade do povo não poderia colocar-se como juiz absoluto para pronunciar a sentença absoluta. Trata-se, portanto de demonstrar que não há nenhum vínculo entre o povo e o rei. Para provar que o povo é em si mesmo a verdade eterna, é preciso mostrar que a realeza é em si mesma o crime eterno (CAMUS, 2008, p. 145).

Saint-Just na sua tese de acusação do rei Luís XVI defendia que todo rei era um “rebelde ou usurpador.” Já que ao usurpar a soberania do povo, ao mesmo tempo, estaria se rebelando contra a população. Ao fazer isso, não estaria cometendo um crime qualquer, mas “o crime,” para Saint-Just equivaleria à profanação absoluta. Fora do contrato, o rei não é mais inviolável e perdendo o privilégio de ser julgado por um tribunal, passa agora pelo julgamento da assembleia.

Fazendo uso de dois termos oposto muito usado por Rousseau na obra *O Contrato Social*, Saint-Just usará da “vontade geral” e da “vontade de todos”<sup>34</sup> para dizer que, mesmo que a vontade de todos seja de perdoar, a vontade geral não poderia aceitar tal decisão. Segundo Camus (2008, p. 146), “o crime do rei é ao mesmo tempo um pecado contra a ordem suprema”. De acordo com Camus, um crime cometido por um cidadão comum pode ser perdoado e

---

<sup>34</sup> Via de regra, há muita diferença entre a vontade de todos e a vontade geral; está se refere somente ao interesse comum, enquanto a outra diz respeito ao interesse privado, nada mais sendo que uma soma das vontades particulares. Quando, porém, se retiram dessas mesmas vontades os mais e os menos que se destroem mutuamente, resta, como soma das diferenças, a vontade geral. (ROUSSEAU, 1996, p. 37)

esquecido, mas o crime cometido pela realeza é visto como um crime permanente. Ele tem ligação direta com a individualidade do rei, ou seja, está relacionado a sua existência. Não havendo outra saída para a situação do rei, resta apenas: “vingar o assassinato do povo com a morte do rei” (CAMUS 2008, p. 146).

O julgamento do rei inicia um novo momento da história contemporânea. Ao mesmo tempo em que a história deixa de possuir um caráter sagrado, faz com que o deus cristão morra. Até o julgamento de Luís XVI, Deus estava incluído na história por meio dos reis. Porém, ao matar a figura do representante histórico, elimina também o rei. Restando apenas a aparência de Deus.<sup>35</sup>

A permissão de construir uma nova religião dada ao homem vem com a morte de Deus. Inspirado n’o *contrato social*, os revolucionários defendiam que a Razão e a Virtude deveriam substituir a antiga divindade cristã. Para Saint-Just, chegou o momento em que os homens deveriam viver sob a obediência do ensinamento da ordem da razão. Dessa forma, a felicidade estava condicionada a obediência da razão e da virtude. De acordo com Camus (2008, p. 150): “A Revolução Francesa, ao pretender construir a história sobre um princípio de pureza absoluta, inaugura os tempos modernos e ao mesmo tempo a era da moral formal.”

A lei tornar formal a virtude subjetiva do homem. Segundo Saint-Just descrito por Camus: “fora das leis, tudo está estéril e morto”. Uma alusão clara a república romana que tinha característica formal e legalista. O cumprimento da lei torna-se perceptível através do papel, dessa forma, a virtude passa agora a ser incorporada pela república. A cidade idealizada por Saint-Just não deveria ter facções, da mesma forma que Rousseau não desejou na sua teoria da vontade geral. Mas o que aconteceria com aqueles que não querem se submeter às leis e a unidade da república? Segundo Camus parafraseando as palavras de Saint-Just:

A partir do momento em que as leis não fazem reinar a concórdia, em que a unidade a ser criada pelos princípios é destruída, quem é culpado? As facções. Quem são os facciosos? Aqueles que negam por sua própria atividade a unidade necessária. A facção divide o soberano. Ela é, portanto, blasfema e criminosa. Ela, e só ela, deve ser combatida. Mas e se houver muitas facções? Todas serão combatidas, sem remissão. Saint-Just exclama: “Ou as virtudes ou o Terror.” É preciso endurecer a liberdade, e o projeto de constituição na Convenção menciona então a pena de morte (CAMUS, 2008, p. 151).

---

<sup>35</sup> “Camus refere-se aqui ao Deus de Kant, de Jacobi e de Fichte” (CAMUS 2008, p. 147).

A execução de forma geral passa agora a ser legitimada em nome da lei, a razão que antes pertencia ao rei, passa agora a ser substituída pela lei. As facções passam a serem perseguidas, reprimidas e combatidas. Isso se deve ao fato de acreditar que através das facções os crimes poderiam ser legitimados. Dessa forma, Segundo Barreto (1971, p. 86): “vê-se então por que a república nascida para corrigir uma injustiça é levada por uma lógica implacável a coroar a injustiça na guilhotina. Para que a virtude seja instruída é necessária eliminar os que por ela não são disciplinados”. Já que a lei é tida como modelo de perfeição, se caso alguém venha desobedecer a suas regras, só mostra que essa pessoa é tida como um exemplo de cidadã imperfeita. Em consequência disso, passa-se a justificar o assassinato político para que sejam tomadas as medidas de proteção da unidade republicana, que tem como princípio a defesa da virtude. Acabar com a oposição política seria então um dever do governo, pois, se agisse de outra maneira estaria sendo conivente.

Para Camus, o que Saint-Just fez de fato, foi proclamar o início das tiranias do século XX: “Quando nem a razão nem a livre expressão dos indivíduos conseguem firmar sistematicamente a unidade, é preciso decidir-se eliminar os corpos estranhos. A guilhotina torna-se desse modo um enredador cuja função é refutar”. (CAMUS 2008, p. 153). A guilhotina que antes era usada como uma maneira de convencer e punir, agora passa a servir como uma missão. Tendo como objetivo a contestação dos argumentos daqueles que se opõe ao poder.

Dessa forma, o desejo de Saint-Just em querer “estabelecer uma tendência universal para o bem” (CAMUS, 2008, p. 149), só mostrou que sua lógica estava errada, já que ela era visivelmente excessiva e inflexível. Ao abrir mão da graça, Saint-Just buscava a justiça e a virtude, pois estava disposto a inaugurar o tão sonhado reino humano. Mesmo que para isso, corresse o risco de instaurar o crime em conjunto com a injustiça. E foi isso que de fato aconteceu: “ao esmagarem sob os seus princípios as justas e vitais conquistas de seu povo, abriram caminho para os dois nihilismos contemporâneos: o do indivíduo e o do Estado” (CAMUS, 2008, p. 159).

Diante desse cenário sem rumo e carente de princípios, a lei passa a ser confundida com o próprio legislador. Ele poderá fazer uso da lei de acordo com sua vontade, e por consequência levar essa lei a uma imprecisão ao longo do tempo.

Se os grandes princípios não têm fundamentos, se a lei só exprime uma tendência provisória, ela só é feita para ser transgredida ou imposta. Sade ou a ditadura, o terrorismo individual ou o terrorismo de Estado, ambos justificados pela mesma ausência de justificação, aí se acha, desde o instante em que a revolta é cortada de suas raízes e privada de qualquer moral concreta, uma das alternativas do século XX (CAMUS, 2008, p. 159).

Para Camus, o começo do reino da história está relacionado à passagem dos regicídios do século XIX para os deicídios do século XX. Onde transformaram a terra em céu e o homem em deus. Esse é o extremo da lógica revoltada, onde o homem identifica-se apenas com a sua história, esquece qual era a sua verdadeira revolta.<sup>36</sup> A consequência desse esquecimento será vista nas marcas deixadas pelas revoluções do niilismo no século XX.

A partir do momento que o homem nega toda moral, é inútil sua busca desesperada de reconciliação de unidade do homem. Segundo Camus (2008, p. 160). “À revolução jacobina, que tentava instituir a religião da virtude, a fim de nela criar a unidade, suceder-se-ão as revoluções cínicas, quer de direita ou de esquerda, que vão tentar conquistar a unidade do mundo para finalmente fundarem a religião do homem”. O que era de Deus, a partir desse momento foi oferecido a César.

A revolução dos princípios mata Deus na pessoa de seu representante. A revolução do século XX mata o que resta de Deus nos próprios princípios e consagra o niilismo histórico. Quaisquer que sejam em seguida os caminhos percorridos por esse niilismo, a partir do instante em que ele quer criar no século, fora de qualquer regra moral, ele constrói o templo de César. Escolher a história, e apenas a história, é escolher o niilismo contra os ensinamentos da própria revolta (CAMUS, 2008, p. 282).

Segundo Camus, tanto Saint-Just quanto os regicidas foram responsáveis apenas pelo início dos desvios da revolta dos homens. Essa caminhada é longa, e por não terem conseguido trocar o reino da graça pelo da justiça que tanto queriam, acabaram incorporando a razão, a virtude e os valores no “fluxo dos acontecimentos históricos” (CAMUS, 2008, p. 162). Divinizaram a história e deram início as revoluções niilistas. O que antes era tido como valor

---

<sup>36</sup> “Eu me revolto, logo existimos”, dizia o escravo. A revolta metafísica acrescentava então o “estamos sós” em que ainda vivemos atualmente. Mas se estamos sós sob o céu vazio, se, portanto, é preciso morrer para sempre, como podemos realmente existir? A revolta metafísica tentava então realizar o ser com o parecer. Em seguida, os pensamentos puramente históricos vieram dizer que ser era agir. Nós não éramos, mas por todos os meios devíamos ser. Nossa revolução é uma tentativa de conquistar um novo ser pela ação, fora de qualquer regra moral. É por isso que ela está condenada a só viver para a história, e no terror. O homem, segundo a revolução, não é nada se não obtém na história, por bem ou por mal, o consentimento unânime (CAMUS, 2008, p. 287).

passou a deixar de ser ponto de referência. As atitudes tomadas diante de uma norma de ação passam a ser sua própria ação.

Com a moral perdida e sem rumo, o homem busca cegamente por uma esperança de vida que se mostre consciente. Segundo Barreto (1971, p. 88): “Os princípios morais e a vontade geral do povo, ainda que fossem ideias abstratas constantemente desmedidas na prática, serviam para manter uma intenção humana nas relações sociais”. O que era esperado das revoluções e das lutas dos homens era, na verdade os embates contra aquilo que não os deixavam seguir em frente. O homem tinha que vencer a força da religião, da política e as questões sociais.

Querer atribuir a criação de valores e um sentido absoluto exclusivamente a história é um erro. Camus não nega a importância da história, mas faz duras críticas àqueles que querem fazer da história esse absoluto.

O pensamento que se baseia apenas na história, como aquele que se volta contra toda história, tira do homem o meio ou a razão de viver. O primeiro leva-o à extrema degradação do “por que viver”; o segundo, ao “como viver”. A história necessária, não suficiente, não passa, portanto, de uma causa ocasional. Ela não é ausência de valor, nem o próprio valor, nem mesmo o material do valor. Ela é a ocasião, entre outras, em que o homem pode experimentar a existência ainda confusa de um valor que lhe permite julgar a história. A própria revolta nos faz essa promessa (CAMUS, 2008, p. 286).

Camus atesta que a história apesar de não ter ausência de valor, não carrega em si um valor próprio, ela é desprovida de uma finalidade. Dessa forma, no âmbito da história, a distinção dos termos revolta e revolução são exemplificadas quando entendemos que a revolução se esquece do motivo pelo qual se deu seu início. E nas vezes em que aparece é revelado pela revolta. Isso só mostra que a revolução passa a ser conduzida pelo niilismo.

Camus não responde de forma satisfatória a todas as perguntas sobre os problemas da revolta e sua relação com o absurdo do mundo. Mas aponta para muitos exemplos que mostram como a revolta foi deformada e tirada de suas características. A ponto do crime que era tido como algo desprezível, passou a ser corriqueiro na sociedade. Segundo Barreto (1971, p. 108), “o problema principal para Camus na caracterização dessa crise é o aparecimento inexorável da violência, que atinge o seu paroxismo no homicídio. O homicídio niilista ou histórico é a

etapa final de um processo de violência latente em nosso tempo”. O valor que deveriam justificar as atitudes da revolta e sua realização passou a ser transferido para depois.

Por fim, o homem revoltado de Camus é aquele que sabe até onde vai o limite das suas ações, por isso, reconhece o limite do outro. Agindo assim mostra que sua atitude é digna de autenticidade. Camus sabe que não é fácil a ação do homem diante da transferência do niilismo para a história, pois, agora ele se encontra no paradoxo da violência ou da não-violência. Mesmo sabendo que a revolta ao respeitar o princípio da vida deve dizer não à violência, sabe que também a própria noção de revolta está ligada à sua origem natural da violência. O homem revoltado reconhece que existem as contradições da vida absurda, por isso deve compreender as situações, ele não pode aceitar a opressão e o desrespeito e, ao mesmo tempo não pode usar da violência de forma que venha negar o ideal da revolta.

Diante das ausências de valores a revolta se coloca na presença do niilismo como uma regra de conduta através dos diálogos e das relações estabelecidas entre os homens. Uma moral que mesmo não estando relacionada a princípios eternos se mostra firme em sua base de convicções que existe em nosso tempo. Cabe exclusivamente ao homem revoltado a responsabilidade sobre violência individual. De acordo com Barreto (1971, p. 112), “a ação da revolta tem por principal objetivo a libertação do homem e só poderá usar a violência para manutenção ou edificação de instituições que limitem a violência e não para aquelas que a codifiquem.” Dessa forma, para Camus só se justificaria uma atitude de violência quando sua finalidade fosse com objetivo imediato de pacificar uma situação.

## 2.4 A revolta na obra *A Peste*

Camus escreve sobre a temática da revolta na sua obra *A Peste* que foi publicada em 1947. O sofrimento do absurdo que foi constatado na obra *O Mito de Sísifo* e relatado de forma individual na obra *O Estrangeiro* na vida do personagem Meursault, passa agora a ser visto como um sofrimento de forma coletiva na obra *A Peste*. Essa obra possui a metáfora da luta dos personagens contra a epidemia da peste e alusão da Guerra pela ocupação nazista. Diante das temáticas abordadas, onde seus personagens sofrem com o sentimento da morte, a relação com o absurdo, o problema do mal e a revolta, Camus mostra que na sua obra *A Peste* é possível unir o tema que nasce do Absurdo à Revolta.

O modo de escrever de Camus não o obriga a pertencer a apenas uma área de saber.<sup>37</sup> Por isso, é possível enxergar nas suas obras uma diversidade de sentidos na sua produção intelectual. Haja vista que o romance *A peste*, apesar de ter relatos de uma crônica, pode ser também colocado como uma tragédia e, não perdendo a força da escrita de um ensaio. Camus escreveu romance como: *O Estrangeiro* e *A Peste* partindo de proporção filosófica, como também escreveu ensaios filosóficos como: *O Mito de Sísifo* e *O Homem revoltado* com proporção romântica. Dessa forma, se é possível fazer uma leitura do romance através da visão da resistência do campo político, não podemos negar que seja possível fazer uma leitura e interpretação de uma ótica filosófica-existencial dessa mesma obra.

A obra *A Peste* conta a história de uma epidemia de ratos que deixou seus habitantes isolados na cidade de Oran. Fazendo com que seus habitantes tenham que conviver pouco a pouco com a morte eminente. Ao se deparar com a possibilidade da morte eminente, percebe-se que os habitantes reagem de maneira particular ao contato com a doença. Dessa forma, seus personagens vão moldando sua conduta durante a história, suas ações vão se desenhando a princípio na busca do benefício próprio em decorrência da desgraça coletiva. Também há

---

<sup>37</sup> É preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares. É possível admitir, tais como são, a distinção dos grandes tipos de discurso ou a das formas ou dos gêneros que opõem, umas às outras, ciência, literatura, filosofia, religião, história, ficção etc., e que as tornam espécies de grandes individualidades históricas? Nós próprios não estamos seguros do uso dessas distinções no nosso mundo de discursos, e ainda mais quando se trata de analisar conjuntos de enunciados que eram, na época de sua formulação, distribuídos, repartidos e caracterizados de modo inteiramente diferente (FOUCAULT, 2002, pp. 24 - 25).

aqueles que diante da desgraça e de todo mal conseguem reagir e se fortalecer, mostrando-se prestativo com o outro.

Durante todo o acontecimento as histórias dos personagens vão se mostrando como seus pensamentos e atitudes vão se transformando de acordo com o passar dos dias. Camus mostra que não é apenas a morte do corpo durante a epidemia que deve ser o alvo do romance, mas também a morte do espírito. A sensação de liberdade que antes os habitantes da cidade de Oran tinham, passa a ser colocada em xeque diante do isolamento da cidade. “Julgavam-se livres, e jamais alguém será livre enquanto houver flagelos” (CAMUS, 2018 p. 41).

A cidade de Oran é descrita pelo narrador da história como uma cidade portuária localizada no norte da África na costa da Argélia. Oran é descrita como uma cidade sem beleza, e seus habitantes vivem uma vida monótona<sup>38</sup> que só estão preocupados em viver trabalhando para ganhar seu dinheiro e enriquecer, e quando faz uso desse dinheiro, serve apenas para alguns prazeres bem moderados. Na cidade considerada como banal de forma geral, seus habitantes costumam viver suas vidas cercadas por uma rotina. Até mesmo no campo das sensações onde se espera que haja mais liberdade e tempo para se dedicar, o narrador afirma que na cidade as pessoas são obrigadas a “amar sem saber”. O que mostra pouco interesse por algo que traga reflexão.

Porém, a rotina da cidade é quebrada de forma inesperada com a chegada da peste. As pessoas daquela cidade não estavam preparadas para isso, o que é normal, quase sempre estamos desprevenidos para a morte:

Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo igual número de pestes e de guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas (CAMUS, 2018 p. 41).

Junto à epidemia dos ratos vem também a morte dos moradores advindo da doença. De início, não se sabe a causa desses acontecimentos, e não se tem uma explicação clara para esse fenômeno. O estado de estranheza individual dos habitantes da cidade logo passa a tornar-se em medo generalizado.

---

<sup>38</sup> Esse tipo de vida, que em “L’Étranger” é vivido por Meursault, em “La Peste” é toda uma comunidade que o vive (BARRETO, 1971, p. 156).

O primeiro a ter contato com os ratos mortos foi Michel, o porteiro do prédio do Dr. Bernard Rieux. No início, Michel achava que tudo não passava de uma brincadeira, assim como outros da cidade de Oran ignoraram a presença dos ratos. É possível fazer aqui uma analogia com o aparecimento dos ratos como uma espécie de simbolismo do lado condenável da humanidade e, como também da relação do Absurdo, esse lado que quase todos ignoram e tentam deixar de lado sem querer notar sua chegada e sua interferência na vida. Porém, com o aumento do número de ratos mortos e a chegada de pacientes na clínica do Dr. Rieux, logo suspeita-se da doença tão temida: a peste.

Como médico da cidade, coube ao Dr. Rieux conter aquela doença que tem como reputação de matar centenas de pessoas. Porém, ele não conseguiria sozinho, por isso, é ajudado por seu amigo Tarrou. Um homem inteligente e lúcido que tinha mania de fazer anotações, inclusive sobre os primeiros momentos da peste e da situação vivida por todos na cidade. Gostava de refletir sobre temas filosóficos como a morte e o absurdo da vida. Tarrou assim como Dr. Rieux tinham crenças muito parecidas, ambos acreditavam no dever da responsabilidade social, por isso, Tarrou age tomando a iniciativa na ajuda da organização dos doentes, tornando voluntário nessa luta contra a peste.

Por motivo de segurança a cidade passa a ser isolada, ou seja, ninguém poderia sair ou entrar na cidade até que tudo fosse resolvido. Diante dessa situação de quarentena, Camus nos apresenta um novo personagem: Rambert, que é jornalista de Paris e que ficou preso na cidade quando veio a trabalho, e que agora busca de forma desesperada sair da cidade ilegalmente para voltar a ver sua esposa em Paris. Porém, ao saber que a esposa de Rieux também está ausente em um sanatório e, que não é o único a passar pela situação da ausência da amada, decide ficar e se unir no esforço contra a peste em vez de tentar fugir. O Dr. Rieux tenta convencer Rambert que a peste não é um problema individual, e sim uma preocupação que todos devem enfrentar de forma honesta, e não apenas os tidos como “heróis”. “Mas devo dizer-lhe uma coisa: tudo isso não se trata de heroísmo. Trata-se de honestidade. É uma ideia que talvez faça rir, mas a única maneira de lutar contra a peste é a honestidade” (CAMUS, 2018 p. 153).

Sem heroísmo e com honestidade é que se forma o caráter do homem revoltado na luta contra a peste que traz a doença mortal. O Dr. Rieux e seu amigo Tarrou são alguns dos

personagens que Camus nos revela como “homem revoltado” que luta contra o mal no mundo. Em um diálogo entre os dois, Camus expõe um tema importante da sua obra *A Peste*.

— Em resumo — disse Tarrou com simplicidade -, o que me interessa é saber como alguém pode tornar-se um santo. — Mas você não acredita em Deus... — Justamente. Poder ser um santo sem Deus é o único problema concreto que tenho hoje. (CAMUS, 2018 p. 237).

O Dr. Rieux na obra de Camus vive o personagem que é retratado pela sua luta dedicada contra o mal.<sup>39</sup> Ele é um humanista ateu<sup>40</sup> que age sem a esperança religiosa que a peste acabe por milagre. Concentra seus esforços na busca da cura da peste muito mais do que na busca por respostas filosóficas ou de ordem religiosa. Por isso, ele é considerado como sendo um “santo sem Deus”.

O problema do mal como temática da obra *A Peste* de Camus dá voz a um personagem que representa a esperança divina na luta contra a doença: um padre jesuíta chamado Paneloux. Diante a situação vivida pelos habitantes da cidade com sentimento de morte eminente e o medo da doença, o padre Paneloux apresenta dois sermões. No primeiro sermão com uma igreja lotada defende a punição do flagelo.

Se hoje a peste vos olha, é porque chegou o momento de refletir. Os justos não podem temê-la, mas os maus têm razão para tremer. Na imensa granja do Universo, o flagelo implacável baterá o trigo humano até que o joio se separe do grão. Haverá mais joio que grão, mais chamados que eleitos e essa desgraça não foi desejada por Deus. Por longo tempo, este mundo compactuou com o mal, repousou na misericórdia divina. Bastava arrepender-se, tudo era permitido. E para se arrependerem, todos se sentiam fortes. Chegado o momento, o arrependimento viria por certo. Até lá, o mais fácil era deixar-se levar, a misericórdia divina faria o resto. Pois bem! Isso não podia durar. Deus, que durante tanto tempo baixou sobre os homens desta cidade seu rosto de piedade, cansado de esperar, desiludido na sua eterna esperança, acabara de afastar o olhar. Privados da luz de Deus, eis-nos por muito tempo nas trevas da peste! (CAMUS, 2018 p. 93).

---

<sup>39</sup> Paneloux sentou-se junto de Rieux. Parecia comovido. — Sim — disse ele -, é verdade, também o senhor trabalha para a salvação do homem. Rieux tentou sorrir. — A salvação do homem é, para mim, uma palavra demasiado grande. Não vou tão longe. É sua saúde que me interessa, a saúde em primeiro lugar (CAMUS, 2018 p. 205).

<sup>40</sup> — É isso — disse Tarrou. — Por que o senhor mesmo demonstra tanta dedicação, já que não acredita em Deus? Sua resposta talvez me ajude a responder. Sem sair da sombra, o médico disse que já respondera e que, se acreditasse num Deus todo-poderoso, deixaria de curar os homens, entregando a ele esse cuidado. Mas que ninguém no mundo, não, nem mesmo Paneloux, que julgava acreditar, acreditava num Deus desse gênero, já que ninguém se entregava totalmente e que nisso, ao menos ele, Rieux, julgava estar no caminho da verdade, lutando contra a criação tal como ela era (CAMUS, 2018 p. 121).

Para o padre Paneloux nesse primeiro sermão a peste é uma doença que veio como um castigo enviado por Deus para punir os pecados. E que por esse motivo, os habitantes de cidade de Oran devem viver uma vida que remeta a obediência, e não uma vida de revolta. O pedido feito pelo padre Paneloux é que sua congregação diante de toda crise relacionada ao flagelo da doença dê um salto na fé. Mesmo diante das evidências postas pelo Dr. Rieux, o padre Paneloux deposita toda a sua fé em Deus.

A leitura feita dessa obra a partir da noção do absurdo e da revolta mostra que a ação do padre Paneloux é uma atitude covarde de um homem que se rende diante das situações da vida. Que não enxergou forças e uma saída na luta contra o mal que lhe foi posto. A crítica aqui feita não é contra todos os sacerdotes. Pois, segundo o personagem Dr. Rieux que conhece outro padre diz: “Mas o mais modesto padre de aldeia que cuida dos seus paroquianos e que ouviu a respiração de um moribundo pensa como eu<sup>41</sup>” (CAMUS, 2018 p. 120). Paneloux foi egoísta em querer lutar sozinho contra a peste e o estado de absurdo da vida.

O padre Paneloux foi confrontado pelo Dr. Rieux depois que eles viram uma criança morrer por causa da peste. Paneloux alega que a morte da criança apesar de ser revoltante “ultrapassa nossa compreensão” e por isso pede para que o Dr. Rieux ame aquilo que não compreende. “— Não, padre — disse ele (Dr. Rieux). — Tenho outra ideia a respeito do amor. E vou recusar, até a morte essa criação em que as crianças são torturadas” (CAMUS, 2018 p. 204).

No segundo sermão do padre Paneloux, agora afetado pela morte da criança, o padre passa a ter um novo sentimento. Ele expressa sua incompreensão com o mundo e passa a refletir mais sobre suas certezas, e tende a ser mais humilde. Segundo Barreto (1971, p. 161), “o padre deixou de ser um instrumento de Deus, seu Juiz e Criador, para ser um simples e sofrido homem”. Diante das incertezas, os habitantes da cidade deixaram de ir à igreja, trocaram os ensinamentos religiosos pelas superstições. A essa altura muitos dos fiéis já não professavam suas crenças, pois, queriam respostas racionais para a doença que agia de forma aleatória, e não justificativas de cunho religioso.

---

<sup>41</sup> “Ele trataria da miséria antes de querer demonstrar-lhe a excelência” (CAMUS, 2018 p. 121).

Decorrido alguns dias e ainda com seu orgulho em alta, mesmo doente, o padre Paneloux se recusa a chamar o Dr. Rieux. Porém, a pedido de uma mulher onde o padre estava hospedado, o médico vem para examiná-lo. Mesmo não tendo os sintomas típicos da peste, o padre Paneloux vem a óbito.

A febre subiu. A tosse tornou-se cada vez mais rouca e torturou o doente durante todo o dia. À noite, finalmente, o padre expectorou o algodão que o sufocava. Era vermelho. Em meio ao tumulto da febre, Paneloux conservava o olhar indiferente e quando, no dia seguinte de manhã, o encontraram morto, meio fora do leito, seu olhar não exprimia nada. Na ficha, escreveram: “Caso duvidoso” (CAMUS, 2018 p. 218).

Aparentemente de forma irônica o Dr. Rieux o marca como um “Caso duvidoso”. Talvez por não querer aceitar ajuda da medicina e apostar tudo na cura através de um milagre. Muito embora sua fé tenha sido afetada pelos acontecimentos já descritos anteriormente. De certa forma, o padre Paneloux aceita a morte de forma passiva, algo que o homem revoltado jamais faria.

Tarro também foi acometido pela peste, porém, diferentemente do que aconteceu com o padre Paneloux, ele lutou contra a morte. Tarrou não foi visto como um “Caso duvidoso”, pelo contrário, não foi passivo diante da morte e entendeu sua condição de homem que se revolta contra as pestes da vida. “Para os revoltados, e Camus inclui-se entre eles, a peste mostra como o homem é condenado a sofrer e morrer sem uma razão convincente” (BARRETO 1971, p. 161). Para Camus, a morte e o sofrimento do homem não têm nenhuma significação moral ou mesmo racional em si mesma. Por isso, acredita que a significação da vida e a rejeição a morte e ao sofrimento cabe a cada indivíduo.

Por fim, mesmo que seja inevitável a morte e o sofrimento na vida do homem, a obra *A Peste* nos traz a reflexão sobre a ideia da morte iminente. Camus através desse romance nos traz a memória a finitude da existência humana e exemplos de homens que se agarram na luta da vida. Se por um lado ajudar o outro a enfrentar a peste poderia fazer com que fosse infectado pela doença, por outro lado, se ignorasse seu próximo e não fizesse nada, também poderia contrair a doença. A peste que devastou a cidade de Oran aos poucos vai se tornando menos danosa a ponto da população começar a retomar suas vidas diárias. A princípio não poderia comemorar uma vitória de forma definitiva. “O bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente

nos quartos, nos porões, nos baús, e na papelada” (CAMUS, 2018 p. 286). Camus faz questão de nos lembrar de que a luta do Absurdo à Revolta vai estar sempre presente na vida do homem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do absurdo à revolta, vimos que as obras de Camus estão repletas de temas que estão diretamente relacionados a condição humana. Sua abordagem sobre a preocupação com o homem diante do absurdo da vida foi retratada na obra *O Mito de Sísifo* e mostrou o conflito desse homem com o mundo. O desejo do homem por respostas e o silêncio do mundo diante das perguntas, fez com que surgisse o sentimento do absurdo que o acompanhou na sua trajetória.

Seu percurso foi marcado por alternativas que se mostravam como respostas para a solução do seu problema durante suas crises existências: o homem foi colocado entre o impasse do suicídio físico e o suicídio filosófico. Por não se sentir ligado ao mundo, o homem buscou no suicídio físico, uma forma de acabar com seu problema de uma só vez.

Percebe-se que em muitos casos as pessoas são levadas pelo hábito de viver. Quando esse hábito perde o sentido provoca no homem uma atitude de busca de compreensão dessa nova condição. Por isso, Camus diz que muitos dos que se encontram nessa situação respondem sim ao absurdo da vida, mas agem como a resposta tivesse sido o não. Como também, terá aqueles que diante da mesma situação vai responder que não há sentido na vida, mas que agem como ela tivesse.

Dessa maneira, quando o homem decide que a vida não faz sentido, acaba por dar fim a sua vida. Dessa forma, Camus condena o suicídio físico como resposta ao homem que se senti rejeitado, pois o suicídio seria uma resposta que quebraria com o elo do absurdo. Para Camus, só existe o absurdo diante da relação do homem com o mundo.

O suicídio filosófico por outro lado, segundo Camus, tira do homem a condição de ser consciente da sua realidade. Fazendo dessa maneira, com que o homem busque resposta em Deus e na esperança de preencher o vazio causado pelo sentimento da ausência de sentido identificado pelo homem na sua vida. A leitura feita na obra de Camus mostra que absurdo e suas contradições inerentes à condição humana não devem levar o homem a negar a razão a ponto de apostar na morte e na esperança em Deus por outra vida não terena.

Mesmo diante do absurdo, o homem camusiano não deve abrir mão da sua racionalidade, mesmo sabendo que também existe o irracional. Camus nos mostra que se deve buscar o equilíbrio, ao se deparar com o irracional, é preciso está consciente de sua posição para não cair na ilusão de um trampolim de eternidade na esperança do transcendente.

Para ilustrar a vida absurda, Camus usa a vida de alguns personagens como: Don Juan, o ator e o conquistador. Para mostrar que eles vivenciaram o absurdo da vida sem recorrer ao suicídio físico ou mesmo a esperança do suicídio filosófico. Vale lembrar que esses personagens não são usados por Camus como modelos a serem seguidos, já que Camus apenas ilustra suas ideias sobre o absurdo através dos personagens que agem diante do absurdo da vida.

Da mesma forma, em sua obra *O Estrangeiro*, Camus faz da história do personagem Meursault uma ilustração do homem insensível que ao perder sua mãe se mostra indiferente as regras tradicionais da sociedade, comete um crime de assassinato por motivo banal mostrando a situação absurda de sua vida desinteressada por eventos que não estejam relacionados a vida real. Para Camus, Meursault é o homem absurdo que ilustra bem suas indiferenças aos acontecimentos da vida.

Como agir depois da constatação do absurdo na vida do homem? Camus não fala que existe um momento oportuno para agir nessa tomada de atitude ou mesmo uma condição ideal. Porém, a resposta para essa pergunta é trabalhada na obra *O Homem Revoltado*. Os limites impostos pelo surgimento da condição humana e pela consciência do absurdo já é um começo. Camus acredita que a ação que deve mover a revolta do homem parta do momento que ele percebe a opressão da ação do outro na sua vida.

Para Camus, o homem deve agir no campo da revolta. É no campo da revolta que Camus refleti sobre o crime de morte e, como também, sobre as situações que oprime o valor humano. Para afirmação de seu valor que um dia lhe foi tirado, o homem revoltado diz não para aquele que lhe oprime, e põe limites quando seu senhor, ou chefe ultrapassa sua fronteira. Foi assim na obra *A Peste* que Camus nos mostrou a reflexão sobre a ideia da revolta diante de situação de ação limite.

A possibilidade da morte iminente na obra mostrou atitudes diversas de personagens que tiveram que agir de acordo com sua conduta. Seja na ação individual ou na atitude coletiva,

o sentimento do absurdo se mostrou presente na vida do homem. O absurdo sempre cobrando a atitudes concretas de revolta para que o homem se afirme na sua condição de vida.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Vicente. **Camus: Vida e Obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1971.
- CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. 13 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CAMUS, Albert. **O Estrangeiro**. 42 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CAMUS, Albert. **A Peste**. 24 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- CAMUS, Albert. **O avesso e o direito**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CAMUS, Albert. **O Primeiro Homem**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2015.
- CAMUS, Albert. **A Inteligência e o Cadafalso**. Rio de Janeiro. Record, 2010.
- CAMUS, Albert. **Diário de Viagens**. Rio de Janeiro. Record, 2013.
- CAMUS, Albert. **Núpcias, O verão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.
- CAMERINO, Luciano Caldas. **O conceito de absurdo no pensamento de Albert Camus**. Juiz de fora: UFJF, 1987. (Dissertação de Mestrado).
- CARVALHO, José Jackson Carneiro de. **Albert Camus: Tragédia do Absurdo**. João Pessoa: Idea, 2009.
- CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CHAGAS, José Soares das. **A Arte E O Nilismo: Albert Camus e o ethos do absurdo e da revolta**. Palmas, UNESP. 2018. (Dissertação de Mestrado).
- DOSTOIÉVSKY, Fiódor. **Os Irmãos Karamazov**. São Paulo: Nova Cultural, 1995.
- FERNANDES, M. **Entre a Miséria e o Sol: Absurdo e Criação em Albert Camus**. João Pessoa. UFPB, 2017 (Dissertação de Mestrado).
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GARAUDY, Roger. **Perspectivas do Homem**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GERMANO, Emanuel Ricardo. **O pensamento dos limites: contingência e engajamento em Albert Camus**. São Paulo: USP, 2007. (Tese de Doutorado).

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem: mundo, absurdo, revolta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

HENGELBROCK, Jürgen. **Albert Camus: sentimento espontâneo e crise do pensar**. Trad. Maria Luisa Guerra e Ivone Kaku. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006.

JASPERS, Karl. **Introdução ao Pensamento Filosófico**. Cultrix, São Paulo, 1965.

KIERKEGAARD, Soren. **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os pensadores).

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. **Crítica de “O homem revoltado”**: Jeanson e Sartre. Disponível em: <http://arethusa.fflch.usp.br/node/32>. Acesso em: 07/05/2019.

LOTTMAN, Herbet. **Albert Camus**, Paris, Seuil, 1978. Lourenço, Eduardo, Coimbra, Coimbra Editora, 1967.

PIMENTA, Alessandro. **A ética da revolta em Albert Camus**. Goiânia: UFG, 2004. (Dissertação de Mestrado).

RENÉ, Bertelé. **Panorama das Ideias contemporâneas**. Tradução de Rui Grácio. Lisboa: Livraria Gallimard, s/d.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **O contrato social**. São Paulo, SP: tradução Antônio de Padua Danesi 3 ed. Martins Fontes, 1996.

SARTRE, J.P. **Explicação de O Estrangeiro**. In: Situações I. Tradução Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SILVA, Gabriel Ferreira da. **“Esculpir em argila”**: **Albert Camus uma estética da existência**. São Paulo. PUC-SP, 2009 (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Nilson. **O Ciclo do Absurdo, relações entre literatura e filosofia em Albert Camus**. 2001. (Mestrado em Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa). Rio de Janeiro: Faculdade de letras, UFRJ, 2001.

SILVA, Nilson. **A revolta na obra de Albert Camus: posicionamento no campo literário, gênero, estética e ética**. 2008. (Doutorado em Letras Neolatinas). Rio de Janeiro: Faculdade de letras, UFRJ, 2008.

SOARES, Caio Caramico. **Evangelhos da Revolta Camus, Sartre e a remitologização moderna**. São Paulo. USP, 2010. (Dissertação de Mestrado).

TODD, Olivier. **Albert Camus: Uma Vida**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

VALDANO, Juan. **Humanismo de Albert Camus**. Cuenca: Publicaciones de la Universidad Católica de Cuenca, 1973.